

O Pontífice convocou em Assis em 2020 os jovens economistas e empresários

Um pacto para dar uma alma à economia



O encontro de três dias dedicado aos jovens economistas e empresários – sem distinção de credo nem de nacionalidade – provenientes do mundo inteiro, convidados diretamente pelo Papa Francisco a Assis de 26 a 28 de março de 2020 – através de uma carta com a qual anuncia esta iniciativa – foi apresentado a 14 de maio na Sala de imprensa da Santa Sé. «The Economy of the Holy Father»: eis o título da iniciativa do Santo Padre, que tem como objetivo começar um processo de mudança global a fim de que a economia de hoje e de amanhã seja mais justa, inclusiva e sustentável. O Papa anunciou a iniciativa com uma carta na qual escreve que é «preciso dar vida a «um “pacto” para mudar a economia atual e atribuir uma alma à economia de amanhã».

PÁGINA 7

Superar o medo com o sadio desequilíbrio do Evangelho

ANDREA MONDA

Nos dias de Natal de 1946 o sacerdote belga Charles Moeller, requintado teólogo com o gosto pela crítica literária, publicava o seu ensaio mais famoso, intitulado *Sagesse grecque et paradoxe chrétien*. No prefácio explicava que «o paradoxo cristão é um humanismo absolutamente novo. Já não é apenas um coroamento dos esforços humanos, mas uma revelação do alto. Acho que a única sabedoria que pode impressionar a juventude moderna é este paradoxo no qual sofrimento e alegria, debilidade e força, morte e ressurreição se unem em misteriosa ligação. Aquilo que é necessário para os homens mo-

ernos é a Mensagem pascal», palavras que representam eficazmente o sentido último do discurso que, na tarde de quinta-feira, o Papa dirigiu à diocese de Roma, reunida em volta do seu bispo na catedral de São João de Latrão. É um encontro que está muito a peito ao Papa Francisco que, desde o primeiro dia do seu pontificado, frisou o facto de ser antes de tudo bispo de Roma, um bispo chamado a caminhar com, no meio, do seu povo. Francisco sente-se à vontade quando fala à população de Roma, consciente de se encontrar no coração da sua missão, que é exatamente o anúncio da mensagem pascal, o mistério da cruz e da ressurreição. A cruz, não a perfeição olímpica

da sabedoria grega; por isso, no seu discurso o Papa quis alertar os cristãos de Roma a não reduzir o cristianismo a uma ideologia, a um sistema de conceitos e de programas, louvável pela sua harmonia mas totalmente impermeável ao vento do Espírito, «que sopra impetuoso» (At 2, 2), ainda hoje como no dia de Pentecostes. Para realizar a sua missão, a Igreja deve ser movida, comovida por esta «revelação do alto», caso contrário será somente uma ideia, talvez boa e bonita, ao lado de outras ideias, mas não aquele «humanismo absolutamente novo» que, ao contrário, pretende ser e foi por mais de 20 séculos.

Depois de ter ouvido os testemunhos preocupados do povo de Deus em Roma (tomaram a palavra um pároco, uma jovem, um casal e o sacerdote Benoni Ambarus, diretor da Caritas diocesana), o Papa repetiu-o veementemente: diante dos numerosos e graves problemas que afligem uma realidade complexa como a sociedade urbana de uma grande cidade como Roma, a Igreja não deve preocupar-se em restabelecer o equilíbrio, não deve angustiar-se para restaurar a harmonia perdida, tor-

Ordenações sacerdotais

Chamados a servir

Na manhã de 12 de maio, quarto domingo de Páscoa e 56º Dia mundial de oração pelas vocações, o Papa presidiu na basílica de São Pedro à celebração da missa para a ordenação sacerdotal de 19 diáconos – provenientes da Itália, da Croácia, do Peru, do Haiti e do Japão – durante a qual proferiu a homilia ritual prevista na edição italiana do Pontifical Romano, à qual decidiu acrescentar algumas considerações pessoais.

PÁGINA 2

O cardeal Hummes falou sobre o Sínodo de outubro

Igreja indígena na Amazônia



A menos de cinco meses do início do Sínodo sobre a Amazônia, o relator-geral da assembleia, cardeal Cláudio Hummes, concedeu uma entrevista ao diretor de «Civiltà Cattolica» da qual publicamos uma síntese.

PÁGINAS 8 E 9

Assembleia da diocese de Roma

Mansidão, humildade e docilidade ao Espírito

Mansidão, humildade de coração e docilidade ao sopro do Espírito Santo: eis as três atitudes que o Papa recomendou aos participantes na assembleia da diocese de Roma, com os quais se encontrou a 9 de maio, na basílica de São João de Latrão.

PÁGINAS 4 E 5

CONTINUA NA PÁGINA 4

Ordenações sacerdotais presididas pelo Papa na basílica de São Pedro

Chamados a servir

Na manhã de 12 de maio, quarto domingo de Páscoa e 56º Dia mundial de oração pelas vocações, o Papa presidiu na basílica de São Pedro a celebração da missa para a ordenação sacerdotal de 19 diáconos — vindos da Itália, Croácia, Peru, Haiti e Japão — durante a qual proferiu a homilia ritual prevista na edição italiana do Pontifical Romano, à qual acrescentou algumas considerações pessoais.

Caríssimos irmãos e irmãs!

Estes nossos filhos foram chamados à Ordem do presbiterado. Far-nos-á bem a todos, refletir atentamente a qual ministério serão elevados na Igreja. Irmãos, como bem sabeis, o Senhor Jesus é o único Sumo Sacerdote do Novo Testamento, mas n'Ele também todo o povo santo de Deus foi constituído povo sacerdotal. No entanto, entre todos os seus discípulos, o Senhor Jesus quer escolher alguns de modo especial para que, exercendo publicamente na Igreja em seu nome o ofício presbiteral a favor de todos os homens, continuem a sua missão pessoal de mestre, sacerdote e pastor.

Com efeito, do mesmo modo que para isto Ele foi enviado pelo Pai, assim Ele enviou ao mundo, por sua vez, primeiro os Apóstolos e depois os Bispos e os seus sucessores, aos quais foram finalmente oferecidos como colaboradores os presbíteros que, a eles unidos no ministério sacerdotal, são chamados ao serviço do Povo de Deus. Após tantos anos de reflexão — deles, dos superiores e daqueles que os acompanharam ao longo deste caminho — hoje apresentaram-se para que eu lhes confira a Ordem sacerdotal.

Com efeito, eles serão configurados a Cristo Sumo e Eterno Sacerdote, ou seja, serão consagrados como verdadeiros presbíteros do Novo Testamento, e a este título, que os une no sacerdócio ao seu Bispo, serão pregadores do Evangelho, Pastores do povo de Deus e presidirão aos atos de culto, especialmente na celebração do sacrifício do Senhor, isto é, na Eucaristia.

Quanto a vós, caríssimos irmãos e filhos, que estais para ser promovidos à Ordem do presbiterado, considerai que exercendo o ministério da Doutrina Sagrada participareis na missão de Cristo, único Mestre. Esta não é uma associação cultural, não é um sindicato. Vós participareis no ministério de Cristo. Dispensai a todos aquela Palavra de Deus, que vós mesmos recebestes com alegria. E por isso lede e meditai assiduamente a Palavra do Senhor, para acreditardes naquilo que leredes, ensinardes o que aprenderdes na fé, viverdes quanto ensinardes. Nunca se pode fazer uma homilia, uma pregação, sem oração intensa, com a Bíblia na mão. Não vos esqueçais disto!

Portanto, que a vossa doutrina sirva de alimento para o Povo de

Deus: quando brotar do coração e nascer da oração, será deveras fecunda! Que o perfume da vossa vida seja alegria e apoio aos fiéis de Cristo: homens de oração, homens de sacrifício, porque com a Palavra e o exemplo edificais a casa de Deus, que é a Igreja. E assim vós dareis continuidade à obra santificadora de Cristo. Mediante o vosso ministério, o sacrifício espiritual dos fiéis torna-se perfeito, porque está unido ao sacrifício de Cristo que, através das vossas mãos e em nome da Igreja inteira, é oferecido de modo incruento sobre o altar na celebração dos Santos Mistérios. Prestai atenção à celebração da Eucaristia! Portanto, reconheci aquilo que fazeis! Imitai o que celebrais a fim de que, participando no mistério da morte e ressurreição do Senhor, tenhais a morte de Cristo nos vossos membros e caminhos com Ele em novidade de vida. O Senhor quis salvar-nos gratuitamente. Foi Ele mesmo quem nos disse: "Dai de graça o que recebestes de graça". A celebração da Eucaris-

tia é o apogeu da gratuidade do Senhor. Por favor, não a maculeis com interesses mesquinhos!

Mediante o Batismo haveis de agregar novos fiéis ao Povo de Deus. Com o Sacramento da Penitência perdoareis os pecados em nome de Deus, de Cristo e da Igreja. E aqui, por favor, peço-vos que não vos canséis de ser misericordiosos. Misericordiosos como o Pai, como Jesus foi misericordioso para conosco, com todos nós. Com o óleo santo dareis alívio aos enfermos. Dedicai tempo a visitar os doentes e os enfermos. Celebrando os ritos sagrados e elevando nas várias horas do dia a prece de louvor e de súplica, sereis a voz do Povo de Deus e da humanidade inteira.

Conscientes de que fostes escolhidos entre os homens e constituídos a seu favor para cuidar das coisas de Deus, exerci com alegria, caridade e sinceridade a obra sacerdotal de Cristo, unicamente com a intenção de agradar a Deus e não a vós mesmos. O júbilo presbiteral só se encontra neste caminho, procurando agradar a



Deus que nos elegeu. Por fim, participando na missão de Cristo, Chefe e Pastor, em comunhão filial com o vosso Bispo, esforçai-vos por reunir os fiéis numa única família.

Eis as proximidades próprias do sacerdote: perto de Deus na oração, próximo do Bispo que é o vosso pai, perto do presbitério, dos demais sacerdotes como irmãos, sem vos "esfolardes" uns aos outros [falar mal uns dos outros], e perto do Povo de Deus. Tende sempre diante dos vossos olhos o exemplo do Bom Pastor, que não veio para ser servido, mas para servir, para procurar e salvar o que estava perdido.

A fé mariana e a decisão do Pastor

Francisco autorizou as peregrinações a Medjugorje

ANDREA TORNIELLI

Para compreender as razões e o significado profundo da decisão de autorizar as peregrinações a Medjugorje por parte de Francisco, é útil reler algumas passagens da Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, o documento que traça a rota de seu pontificado. O Papa, naquele texto, recordava que «na piedade popular, pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se». E recordava ainda, citando as palavras do documento final da Conferência dos bispos latino-americanos em Aparecida, que «o caminhar juntos para os santuários e o participar em outras manifestações da piedade popular, levando também os filhos ou convidando outras pessoas, é em si mesmo um gesto evangelizador». «Não coartemos nem pretendamos controlar esta força missionária!», concluía o Pontífice.

É um dado de facto que milhões de peregrinos nestes anos tiveram uma experiência significativa de fé, indo a Medjugorje: isso é atestado pelas longas filas nos confessionários e à noite, adorações eucarísticas na grande igreja paroquial, sem um metro quadrado livre de fiéis ajoelhados.

«Acredito» que «em Medjugorje existe a graça. Não se pode negar. Há pessoas que se convertem», havia dito o Papa conversando em 2013 com o padre Alexandre Awi de Mello, mariólogo, secretário do Diastério para os leigos, a família e a vida. Naquela en-

trevista, transformada em um livro (*É minha mãe. Encontros com Maria*, Ed. Cidade Nova), Francisco certamente alertava para o protagonismo dos videntes e para o multiplicar-se de mensagens e segredos, mas sem nunca desconhecer os frutos positivos da experiência das peregrinações. No prefácio daquele livro, o teólogo argentino Carlos María Galli, havia escrito: «Para Francisco, a coisa mais importante é a fé mariana do "santo povo fiel de Deus", que nos ensina a amar Maria para além da reflexão teológica. Enquanto filho e membro, como qualquer outro, do Povo de Deus, Bergoglio — Francisco — participa do *sensus fidei fidelium* e identifica-se com a profunda piedade mariana do povo cristão».

É precisamente por isto que, enquanto se continua a estudar o fenómeno Medjugorje e sem que exista um pronunciamento sobre a autenticidade das aparições, o Papa teve a intenção de manifestar um cuidado por quem enfrenta as dificuldades da viagem para ir rezar naquele local. Por isto quis ter um enviado permanente, um bispo que trabalha na Santa Sé, encarregado precisamente do cuidado pastoral dos peregrinos. E é por isso que ele agora decide ir além do que foi declarado há mais de vinte anos pela Congregação para a doutrina da fé, que permitia peregrinações a Medjugorje, mas só «privadamente». Agora, pelo contrário, as dioceses e paróquias poderão organizar e orientar essas peregrinações, expressão da piedade mariana do povo de Deus.

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39069899420
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +39069884797
fax +39069884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +39069899480; fax +39069885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 0052123042036, e-mail: sac@editorasantuário.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A., System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@reazione.com

CATEQUESE

Sobre a invocação final do Pai-Nosso

Um clamor contra o mal

«O último pedido», um «grito arremessado contra» aquele «mal misterioso que penetra silenciosamente nas chagas da história», ganhando forma nas «experiências mais diversas: os lutos, a dor inocente, a escravidão, a instrumentalização, o pranto das crianças»: o Papa Francisco resumiu assim o significado da invocação final do Pai-Nosso na audiência geral de quarta-feira, 15 de maio, na praça de São Pedro.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

E eis que chegamos ao sétimo pedido do “Pai-Nosso”: «Livrai-nos do mal» (Mt 6, 13b).

Com esta expressão, quem reza não só pede para não ser abandonado no tempo da tentação, mas suplica também para ser libertado do mal. O verbo grego original é muito forte: evoca a presença do maligno que tende a agarrar-nos e a morder-nos (cf. 1 Pd 5, 8) e do qual se pede a Deus a libertação. O apóstolo Pedro diz também que o maligno, o diabo, está à nossa volta como um leão furioso, para nos devorar, e nós pedimos a Deus que nos liberte.

Com esta dúplici súplica “não nos deixeis cair em tentação” e “livrai-nos”, sobressai uma característica essencial da oração cristã. Jesus ensina aos seus amigos a colocar a invocação do Pai diante de tudo, até e sobretudo nos momentos nos quais o maligno faz sentir a sua presença ameaçadora. Com efeito, a oração cristã não fecha os olhos

sobre a vida. É uma prece filial e não uma oração infantil. Não está encantada pela paternidade de Deus, a ponto de esquecer que o caminho do homem está cheio de dificuldades. Se não houvesse os últimos versos do “Pai-Nosso” como poderiam rezar os pecadores, os perseguidos, os desesperados, os moribundos? A última petição é precisamente o nosso pedido quando estivermos no limite, sempre.

Há um mal na nossa vida, que é uma presença incontestável. Os livros de história são o desolador catálogo de quanto a nossa existência neste mundo tem sido uma aventura muitas vezes fracassada. Há um mal misterioso, que certamente não é obra de Deus mas que penetra silenciosamente nas dobras da história. Silencioso como a serpente que leva o veneno sorrateiramente. Nalguns momentos parece que domina: em certos dias a sua presença parece até mais nítida do que a da misericórdia de Deus.

O orante não é cego, e vê claramente diante de si este mal tão pesado, e em contradição com o próprio mistério de Deus. Divisa-o na natureza, na história, até no seu coração. Pois não há ninguém entre nós que possa dizer que está livre do mal, ou que não se sente pelo menos tentado. Todos nós sabemos o que é o mal; todos sabemos o que é a tentação; todos experimentamos na nossa pele a tentação, de qualquer modo. Mas é o tentador que nos move e nos leva ao mal, dizendo-nos: “faz isto,



pensa isto, vai por aquele caminho”.

O último brado do “Pai-Nosso” é lançado contra este mal “com orlas amplas”, que mantém debaixo do seu guarda-chuva as experiências mais diversas: os lutos do homem, o sofrimento inocente, a escravidão, a instrumentalização do outro, o pranto das crianças inocentes. Todos estes eventos protestam no coração do homem e tornam-se voz na última palavra da oração de Jesus.

É precisamente nas narrações da Paixão que algumas expressões do “Pai-Nosso” encontram o seu eco mais impressionante. Jesus diz: «Abbá, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Mas não se faça o que Eu quero, e sim o que Tu queres» (Mc 14, 36). Jesus experimenta totalmente o trespassar do mal. Não só a morte, mas a morte de cruz. Não só a solidão, mas também o desprezo, a humilhação. Não só a má vontade mas também a crueldade, a perseguição contra Ele. Eis o que é o homem: um ser devotado à vida, que sonha a amor e o bem, mas que depois se expõe continuamente ao mal, a si mesmo e aos seus semelhantes, a

ponto que podemos ser tentados a perder a esperança no homem.

Queridos irmãos e irmãs, assim o “Pai-Nosso” assemelha-se a uma sinfonia que pede para ser realizada em cada um de nós. O cristão sabe quanto é tentador o poder do mal, e ao mesmo tempo experimenta como Jesus, que nunca cedeu às suas lisonjas, está da nossa parte e vem em nossa ajuda.

Assim a oração de Jesus deixamos a herança mais preciosa: a presença do Filho de Deus que nos libertou do mal, lutando para o converter. Na hora do combate final, ordena a Pedro que enfie a espada na bainha, garante ao ladrão arrependido o paraíso, a todos os homens que estavam à sua volta, inconscientes da tragédia que estava a ser consumada, oferece uma palavra de paz: «Pai, perdoai-lhes, pois não sabem o que fazem» (Lc 23, 34).

Do perdão de Jesus na cruz jorra a paz, a verdadeira paz vem da cruz: é dom do Ressuscitado, um dom que Jesus nos concede. Pensai que a primeira saudação de Jesus ressuscitado é “a paz esteja convosco”, a paz nas vossas almas, nos vossos corações, nas vossas vidas. O Senhor concede-nos a paz, dá-nos o perdão mas nós devemos pedir: “livrai-nos do mal”, para não cair no mal. Esta é a nossa esperança, a força que Jesus ressuscitado nos concede, que está aqui, no meio de nós: está aqui. Está aqui com aquela força que nos concede para irmos em frente, e promete que nos liberta do mal.

No final, o Papa saudou também os fiéis de língua portuguesa.

Queridos peregrinos de língua portuguesa, de coração saúdo a todos, especialmente aos grupos de Aragóia e Curitiba, com votos de que brilhe sempre nos vossos corações a luz de Jesus ressuscitado. Encontramo-nos a meio do «Mês de Maria», que tradicionalmente chama o povo cristão a multiplicar os seus gestos diários de veneração e imitação da Mãe de Deus. Procuramos rezar o terço todos os dias, dedicando a Deus aquele mínimo de tempo que Lhe devemos. Assim aproximaremos dos homens o Céu. Sede para todos a bênção de Deus!

Aos participantes numa conferência sobre o diálogo entre católicos e judeus

Contrastar o antissemitismo

Uma admoestação «contra o preocupante aumento do antissemitismo» foi feita no final da audiência geral pelo Papa que, aos participantes numa conferência sobre o diálogo entre católicos e judeus, lhes entregou este texto.

Queridos amigos!

Saúdo-vos cordialmente e agradeço-vos pelo que fazeis: o vosso encontro é um pouco a assembleia geral de quantos estão engajados profissionalmente no diálogo judaico-católico. Por isso estou grato à *International Jewish Committee for Interreligious Consultations* (IJCIC), à Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo e à Conferência Episcopal Italiana por ter tornado possível esta 24ª edição da vossa Conferência.

Desde a promulgação de *Nostra aetate* até hoje, o diálogo judaico-católico deu bons frutos. Partilhamos uma rica herança espiritual, que pode e deve ser cada vez mais valorizada, crescendo na redescoberta recíproca, na fraternidade e no compromisso comum a favor dos demais. Neste sentido o vosso encontro pretende contribuir para desenvolver convergências e promover

uma cooperação mais intensa. É bom que trateis também questões atuais, como a atitude em relação aos refugiados e à busca dos modos como ajudá-los, a luta contra o aumento preocupante do antissemitismo, a reflexão sobre a perseguição dos cristãos em diversas partes do mundo, a situação do diálogo judaico-católico na Itália e em Israel e as suas perspectivas em ampla escala.

Incentivo-vos, pois o diálogo é o caminho para se conhecer melhor e para colaborar a fim de criar um clima não só de tolerância, mas também de respeito entre as religiões. A nossa força é aquela gentil do encontro, não do extremismo que hoje emerge em várias partes e que conduz só ao confronto. Nunca se erra quando se procura o diálogo. Com efeito, a Escritura recorda que «No coração dos que maquinam o mal, há falsidade, mas aqueles que têm conselhos de paz, viverão na alegria» (Pr 12, 20). Rezo a fim de que o vosso estar juntos seja um encontrar-vos em paz e pela paz. A bênção do Altíssimo esteja convosco, vos dê a tenacidade da mansidão e a coragem da paciência. *Shalom!*

Francisco encontrou-se com os participantes na assembleia diocesana

Mansidão, humildade de coração e docilidade ao Espírito

A mansidão, a humildade de coração e a docilidade ao sopro do Espírito Santo foram as três atitudes que o Papa Francisco recomendou aos participantes na assembleia da diocese de Roma, com os quais se encontrou na tarde de 9 de maio, na basílica de São João de Latrão. Depois da intervenção de um pároco e dos testemunhos de uma jovem, de uma família e do diretor da Cáritas de Roma, o Pontífice pronunciou o seguinte discurso.

Obrigado pelas vossas intervenções e pela vossa escuta.

A primeira tentação que pode surgir depois de ter ouvido tantas dificuldades, tantos problemas, tantas coisas que faltam, é: “Não, devemos reorganizar a cidade, reorganizar a diocese, pôr tudo no lugar, fazer ordem”. Isto seria olhar para nós, voltar a olhar para nós de dentro. Sim, as coisas estariam reorganizadas e nós teríamos feito ordem no “museu”, o museu eclesialístico da cidade, tudo em ordem... Isto significa domesticar as coisas, domesticar os jovens, domesticar o coração do povo, domesticar as famílias; fazer caligrafia, tudo perfeito. Mas isto seria o maior pecado de mundanidade e de espírito mundano antievagélico. Não se trata de “reorganizar”. Ouvimos [nas intervenções precedentes] os desequilíbrios da cidade, o desequilíbrio dos jovens, dos idosos, das famílias... O desequilíbrio das relações com os filhos... Hoje fomos chamados a suportar o desequilíbrio. Nós não podemos fazer algo bom, evangélico, se tivermos medo do desequilíbrio. Deveríamos pegar no desequilíbrio: é isto o que o Senhor nos diz, pois o Evangelho – penso que me compreendeis – é uma doutrina “desequilibrada”. Pegai nas Bem-aventuranças: merecem o Prémio Nobel do desequilíbrio! O Evangelho é assim.

Os Apóstolos agitavam-se quando chegava o pôr-do-sol e aquela multidão – só os homens eram cinco mil – continuava a ouvir Jesus; e eles olhavam para o relógio e disseram: “Isto é demais, temos que recitar as Vésperas, as Completas... e depois comer...”. E procuraram o modo pa-



ra “reorganizar” a situação: aproximaram-se do Senhor e disseram: “Senhor, despede-os, pois o lugar está deserto: que vão comprar comida”, na planície deserta. Esta é a ilusão do equilíbrio das pessoas “de Igreja” entre aspas; e eu penso – não me recordo onde o disse – que ali começou o clericalismo: “despede as pessoas, que vão embora, e nós comemos o que temos”. Talvez isto seja o início do clericalismo, que é um bom “equilíbrio”, para resolver a situação.

Anotei as coisas que ouvi e que comoveram o meu coração... E depois, por este caminho do “organizar as situações” teríamos uma boa diocese funcionalizada. Clericalismo e funcionalismo. Estou a pensar – e digo isto com caridade, mas tenho que o dizer – numa diocese – há muitas, mas penso numa – que tem tudo funcionalizado: o departamento para isto, o departamento para aquilo, e em cada um deles dispõe de quatro, cinco, seis especialistas que estudam as situações... Aquela diocese tem mais empregados que o Vaticano! E aquela diocese, hoje – não a quero mencionar por caridade – aquela diocese afasta-se cada dia mais de Jesus, pois presta culto à “harmonia”, não à harmonia da beleza, mas da mundanidade funcionalista. E nestes casos, cai-se até na ditadura do funcionalismo. É uma nova colonização ideológica que procura convencer que o Evangelho é uma sabe-

doria, é uma doutrina, mas não é um anúncio nem um querigma. E muitos abandonam o querigma, inventam sínodos e contra-sínodos... que na realidade não são sínodos, são “reorganizações”. Porquê? porque para ser um sínodo – e isto é válido também para vós [como assembleia diocesana] – é necessário o Espírito Santo; e o Espírito Santo dá um pontapé na mesa, derruba-a e começa do início. Pegamos ao Senhor a graça de não cair numa diocese funcionalista. Mas eu penso que, segundo quanto ouvi, as coisas estão bem orientadas. E vamos em frente.

Depois, esta tarde, gostaria de compreender melhor o brado das pessoas da diocese: ajudar-nos-á a entender melhor o que as pessoas pedem ao Senhor. Aquele brado é um grito que muitas vezes também nós não ouvimos ou que facilmente esquecemos. E isto acontece porque deixamos de habitar com o coração. Habitamos com as ideias, com os planos pastorais, com a curiosidade, com soluções pré-estabelecidas; mas é preciso habitar com o coração. Admirei-me com o que o padre Ben [diretor da Cáritas] sentiu por aquele jovem [que viu pegar num pedaço de pão num caixote do lixo]: envergonhou-se de si mesmo, não teve a coragem de lhe perguntar: “O que pensas, como está o teu coração, o que procuras?”. Se a Igreja não der estes passos, permanecerá parada, pois não sabe ouvir com o coração. A Igreja surda ao grito das pessoas, surda à escuta da cidade.

Gostaria de partilhar algumas reflexões que tenho aqui – que me prepararam e que eu “reelaborei” um pouco – reflexões que iluminam o caminho para o próximo ano. Podemos partir de um trecho evangélico; depois mencionarei alguns excertos do discurso que dirigi à igreja italiana em Florença [10 de novembro de 2015], que é precisamente o estilo da nossa Igreja. “Que lindo aquele discurso! Ah, o Papa falou bem, indicou bem o caminho”, e começam as lisonjas... Mas hoje, se eu perguntasse: “dizei-me algo do discurso de Florença” – “Ah, sim, não me recordo...”. Desapareceu. Entrou no alambique das destilações intelectuais e acabou por perder a força, como uma recordação. Retomemos o discurso de Florença que, com a

Evangelii gaudium, é o plano para a Igreja na Itália e é o plano para esta Igreja de Roma. Podemos começar com um trecho do Evangelho.

Depois da leitura do excerto evangélico de Mateus (18, 1-14), o Papa continuou.

Tende na mente e no coração que, quando o Senhor quer converter a sua Igreja, ou seja, torná-la mais próxima de Si, mais cristã, faz sempre assim: pega no mais pequenino e coloca-o no centro, convidando todos a tornar-se pequeninos e a “humilhar-se” – diz literalmente o texto evangélico – para se tornar pequenos, tal como fez Ele, Jesus. A reforma da Igreja começa com a humildade, e a humildade nasce e cresce com as humilhações. Deste modo neutraliza as nossas pretensões de grandeza. O Senhor não pega numa criança por ela ser inocente ou mais simples, mas porque abaixo dos 12 anos as crianças não tinham relevância social alguma naquele tempo. Só quem segue Jesus por este caminho da humildade e se faz pequenino pode devesas contribuir para a missão que o Senhor nos confia. Quem procura glória para si e não sabe ouvir os outros nem a Deus, como poderá colaborar na missão? Talvez um de vós, não recordo quem, me dizia que não queria incensar: mas há entre nós tantos “liturgistas” errados que não aprenderam a incensar bem: em vez de incensar o Senhor, incensam-se a si próprios e vivem assim. Quem procura a glória pessoal, como poderá reconhecer e acolher Jesus nos pequeninos que bradam a Deus? Todo o seu espaço interior está ocupado por si mesmo ou pelo grupo de pertença – muitas vezes pessoas como nós – e portanto não tem olhos nem ouvidos para os outros. Por conseguinte, o primeiro sentimento que se deve ter no coração, para saber ouvir, é a humildade e estar muito atentos a não desprezar os pequeninos, sejam eles quem forem, jovens que sofrem de orfanidade ou que acabaram no túnel da droga, famílias provadas na vida diária ou com as relações desfeitas, pecadores, pobres, estrangeiros, pessoas que perderam a fé, pessoas que nunca tiveram fé, idosos, deficientes, jovens que procuram o pão no lixo, como ouvimos... Ai de quem olha de cima para baixo e despreza os pequeninos. Só num caso nos é lícito olhar de cima para baixo: para ajudar a erguer-se. É o único caso. Mais nenhum é lícito. Ai de quem olha de cima para baixo para desprezar as crianças, mesmo quando o seu estilo de vida, os modos de pensar são muito distantes do Evangelho; nada justifica o nosso desprezo. Quem não tem humildade e despreza nunca é um bom evangelizador, pois nunca verá além das aparências. Pensará que os outros são apenas inimigos, pessoas “sem Deus”, e perderá a ocasião de ouvir o brado que elas têm dentro, aquele grito que muitas vezes é sofrimento e sonho de um “Outro Lugar” onde se manifesta a necessidade da salva-

Superar o medo com o sadio desequilíbrio do Evangelho

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

nando a diocese um mecanismo eficaz e funcional, mas «deve tomar e segurar nas mãos o desequilíbrio», e enfrentá-lo vivendo o Evangelho das Bem-aventuranças. «As Bem-aventuranças», disse o Papa, «que deveriam vencer o prémio Nobel do desequilíbrio». O erasmiano elogio do desequilíbrio concluiu-se com um apelo a combater contra «a ditadura do funcionalismo», que faz da Igreja «um museu» e reduz o coração, uma

oposição que significa não se render ao medo, do qual brota o ilusório recurso à ordem que hoje se chama populismo.

Charles Moeller falava, com esperança, no final do segundo conflito mundial; Francisco é animado por uma esperança ainda mais forte e urgente, porque sente que já começou uma terceira guerra mundial “aos pedaços”, e por isso procura tenazmente uma saída, a qual ele prevê que provém do alto e se encarna no paradoxo cristão contido no Evangelho.

ção. Se o orgulho e a presumível superioridade moral não nos tapam os ouvidos, aperceber-nos-emos de que sob o grito de tantas pessoas mais não há do que um gemido autêntico do Espírito Santo. É o espírito que estimula mais uma vez a não nos contentarmos, a procurar retomar o caminho; é o Espírito que nos salvará desta "reorganização" diocesana. Que, aliás, é um empoderamento ["gattopardismo"]: querer mudar tudo para que nada mude.

O segundo aspeto necessário para ouvir o grito é o *desapego* – o primeiro é a humildade: para ouvir, temos que nos abaixar. É expresso no trecho evangélico da parábola do pastor que vai à procura da ovelha tresmalhada. Este bom pastor não tem qualquer interesse pessoal para defender: a única preocupação é que ninguém se perca. Temos interesses pessoais, nós que estamos aqui esta tarde? Cada um pode pensar: qual é o meu interesse escondido, pessoal, que tenho na minha atividade eclesial? A vaidade? Não sei... cada qual tem o seu. Estamos preocupados com as nossas estruturas paroquiais, com o futuro do nosso instituto, com o consenso social, com o que dirão as pessoas se nos ocuparmos dos pobres, dos migrantes, dos ciganos? Ou estamos apegados àquele pouco de poder que ainda temos sobre as pessoas da nossa comunidade ou do nosso bairro? Todos nós vimos paróquias que fizeram escolhas sérias, sob a inspiração do Espírito, e tantos fiéis que iam lá afastaram-se porque "ah, este pároco é demasiado exigente, até um pouco comunista", e as pessoas afastam-se. E muitas vezes chegam as lamentações ao bispo... E se o bispo não é corajoso, se não é um homem que tem humildade, um homem desapegado, chama o sacerdote e diz-lhe: "Não exageres, um pouco de equilíbrio...". Mas o Espírito Santo não compreende o equilíbrio, não o entende. O desinteresse por si mesmos é a condição necessária para poder estar cheios de interesse por Deus e pelos demais, a fim de os poder ouvir realmente. Há o "pecado do espelho". E nós, sacerdotes, religiosas, leigos com a vocação de trabalhar, muitas vezes caímos neste pecado do espelho: chama-se *narcisismo e autorreferencialidade*, os pecados do espelho que nos sufocam. O Senhor ouviu o grito dos homens com os quais se encontrou e fez-se próximo deles, porque *nada tinha a defender nem a perder*, não tinha "o espelho": tinha a consciência em oração, em contemplação com o Pai e ungida pelo Espírito Santo. Eis o segredo, e por isso foi em frente. Deixou as noventa e nove fora de perigo e foi procurar quem se perdeu. Nós, ao contrário, como disse outras vezes, com frequência estamos obcecados pelas poucas ovelhas que ficaram no recinto. E muitos deixam de ser pastores de ovelhas e tornam-se "penteadores" de ovelhas requintadas. E passam o tempo todo a penteá-las. Muitas? Não. Dez..., poucas... É mau. Nunca encontramos a coragem para procurar as outras, as que se perderam, que vão *por veredas que nunca percorremos*. Por favor, convençamo-nos de que tudo merece ser deixado e sacrificado pelo bem da missão. Deixar o orgulho, ser humildes, deixar este bem-estar, este interesse por si mesmos. Moisés, face à missão, teve medo, fez muitas resistências e obje-

ções; procurou convencer Deus a dirigir-se a outro; mas no final, desceu com Deus ao meio do seu povo e pôs-se a ouvir. Que o Senhor nos encha o coração com a audácia e a liberdade de quem não está amarrado por interesses e deseja colocar-se com empatia e simpatia no meio das vidas dos demais.

O último aspeto do coração, necessário para ouvir o grito e para evangelizar, é *ter experimentado as Bem-aventuranças*. Hoje falava com um rabino, muito amigo, que veio de Buenos Aires, e ele disse-me: "Na Lei eu acho que o nosso ponto de partida para o diálogo judaico-cristão é a lei do amor: Amarás ao Senhor teu Deus com todas as forças e ao próximo como a ti mesmo. É no Evangelho, nos livros cristãos, qual pensais que seja um texto que nos possa ajudar muito?". Eu respondi imediatamente: "As Bem-aventuranças". As Bem-aventuranças são uma mensagem cristã, mas também humana. É a mensagem que nos faz viver, a mensagem da novidade... A mim ajudou-me sempre pensar que as Bem-aventuranças chegam até às pessoas pagãs ou agnósticas. O próprio Gandhi no seu tempo confesso que era o seu texto preferido. As Bem-aventuranças: significa que se aprendeu do Senhor e da vida onde



está a alegria verdadeira, aquela que o Senhor nos doa, e saber discernir onde a encontrar e fazê-la encontrar aos outros, sem errar caminho. Quem erra o caminho ou quem tropeça, talvez com a presunção de caminhar pela senda de Deus, arrisca fazer errar e tropeçar também os demais. Vemo-lo nalguns movimentos pelagianos, ou esotéricos, ou gnósticos, que existem hoje: todos tropeçam, todos, são incapazes de se encaminharem para um horizonte, dão um passo em frente e outro para trás; são as propostas egocêntricas. Ao contrário, as Bem-aventuranças são *teocêntricas*, olham para a vida, levam-te em frente, despojam-te mas tornam-te mais leve para seguir Jesus. E Jesus diz para não escandalizar os pequeninos. Porquê? Porque o escândalo é uma pedra de tropeço. Tu não entendeste o espírito das Bem-aventuranças. Pensemos no mundo dos doutores da Lei: era uma pedra de tropeço perene para o povo. O povo sabia que eles não tinham autoridade: escandalizavam. E por este caminho acabamos por nos tornarmos guias cegas: tropeçamos nós e fazemos tropeçar quem pretendemos ajudar. As pessoas frágeis, feridas pela vida ou pelo pecado, aos pequeninos que bradam a Deus podemos e devemos oferecer a vida das Bem-aventuranças que também nós experimentamos, ou seja, a alegria

do encontro com a *misericórdia de Deus*, a beleza de uma vida comunitária de família onde somos acolhidos por aquilo que somos, pelas relações deveras humanas cheias de *mansidão*. Analiso um pouco isto. Nestes dias estou um pouco obcecado com a mansidão. É uma palavra que arrisca sair do dicionário, como quase já saiu o verbo "acariciar"... A mansidão, a ternura, os gestos de ternura de Jesus... A mansidão acolhe cada um como é. A riqueza dos meios muito pobres, sem efeitos especiais... Hoje, no encontro com os ciganos, estava a irmã Geneviève, que há mais de 50 anos vive entre eles, também com os circenses do parque de diversões, numa caravana. Simples: reza, sorri, acaricia, faz o bem com as Bem-aventuranças. Os meios muito pobres da escuta, do diálogo direto, o entusiasmo de trabalhar juntos com coragem pela justiça e pela paz, a ajuda recíproca no momento da fadiga ou da perseguição, o esplendor diário de contemplar com coração puro o rosto de Deus na liturgia, na escuta da Palavra, na oração, nos pobres... Parece-vos pouco tudo isto? Eis o caminho.

É verdade que as Bem-aventuranças oferecidas por Deus não são a nossa "especialidade": devemos aprender ainda; devemos procurar,

dado que arriscais fazer muitos danos – diria Jesus – seria melhor que desaparecêsseis, lançando-vos ao fundo do mar". Para não escandalizar. Roma é um pouco distante do mar, mas pode-se dizer: "Lança-te no Tibre".

Em Florença pedi depois a todos os participantes no Congresso para voltar a ler a *Evangelii gaudium*. Este é o segundo ponto de partida da evangelização pós-conciliar. Porque digo "segundo ponto de partida"? Porque o primeiro ponto de partida é o maior documento publicado no pós-Concílio: a *Evangelii nuntiandi* [de Paulo VI, 8 de dezembro de 1975]. A *Evangelii gaudium* é uma atualização, uma imitação da *Evangelii nuntiandi* para o hoje, mas a força é a primeira. Pegai na *Evangelii gaudium*, voltai de novo ao percurso de transformação missionária das comunidades cristãs que é proposto nas páginas da Exortação. Peço o mesmo a vós esta tarde, orientando-vos em particular para uma parte do segundo capítulo da *Evangelii gaudium*, aquele que fala dos desafios da evangelização, dos desafios da cultura urbana: os números que vão do 61 ao 75. Faço dois reales, que, em vista do caminho do próximo ano, representam também duas tarefas que vos recomendo.

1) *Exercer um olhar contemplativo sobre a vida das pessoas que habitam a cidade*. Olhar. E para fazer isto, em cada paróquia procuremos compreender como as pessoas vivem, como pensam, o que sentem os habitantes do nosso bairro, adultos e jovens; procuremos recolher *histórias de vida*. Histórias de vida exemplares, significativas daquilo que a maioria das pessoas vivem. Podemos recolher estas histórias de vida perguntando com amizade aos pais das crianças e dos jovens, ou indo visitar os idosos, ou entrevistando os jovens na escola, de acordo com os seus professores. Mencionei os idosos: por favor, não vos esqueçais deles. Agora estão mais cuidados porque, dado que falta o trabalho e o idoso tem a reforma, cuidam-no melhor, o idoso... Mas deixai falar os idosos: não para vos tornardes antiquados, não, para ter o cheiro das raízes e poder ir em frente enraizados. Nós, com esta tecnologia do virtual, arriscamos perder a radiação, as raízes, tornarmo-nos desenraizados, líquidos – como dizia um filósofo – ou então, como gosto de dizer, *gasosos*, sem consistência, pois não estamos radicados e perdemos a seiva das raízes para crescer, florescer, dar frutos. Deixemos que os idosos falem: não vos esqueçais disto. Uma escuta das pessoas que é cada vez mais o grito dos pequeninos. Mas sobretudo tende um olhar *contemplativo*, para vos aproximardes com este olhar... E aproximardes *tocando* a realidade. Dos cinco sentidos, o tato é o mais pleno, o mais completo.

2) *Segunda tarefa: exercer um olhar contemplativo sobre as culturas novas que se geram na cidade*. Sabemo-lo, a cidade de Roma é um organismo que palpita: tomemos consciência que ali, onde as pessoas vivem e se encontram, produz-se sempre algo novo que vai além de cada uma das histórias dos seus habitantes. Na *Evangelii gaudium* frisei que são precisamente os contextos urbanos os

Discurso de Francisco ao Centro desportivo italiano

A competição é encontro e nunca conflito

O Papa recebeu os membros do Centro desportivo italiano (Csi) na manhã de 11 de maio, na Sala do Consistório. A seguir, o discurso do Pontífice depois da saudação proferida pelo presidente nacional, que recordou as origens do Csi por iniciativa de Pio XII, através da Ação Católica de Luigi Gedda.

Caros amigos do Centro Desportivo Italiano!

Sinto-me feliz por vos ver hoje, aliás por vos rever, depois do nosso encontro há cinco anos, do qual conservo uma boa recordação. Saúdo o vosso Presidente, ao qual agradeço as suas palavras, e os Dirigentes. Saúdo todos vós, rapazes e moças, e os vossos treinadores, os árbitros e os educadores. Estais a festejar o 75º aniversário da vossa Associação, a qual conta mais de um milhão e duzentos mil membros, e reúne numerosas sociedades e associações desportivas, além dos inscritos e dos grupos desportivos de paróquias e oratórios filiados, presentes na Itália inteira.

As competições e as atividades que organizais, destinadas em particular aos mais jovens, abertas contu-

do a todas as faixas etárias, abrangem um grande número de disciplinas, mais de cem! Eu não seria capaz nem sequer de identificar uma quantidade tão grande de disciplinas diversas, e isto faz-me imaginar a variedade das vossas propostas e a imensa fantasia do mundo do desporto, no qual cada um pode encontrar a especialidade para a qual sente propenso.

É através deste grande esforço de animação desportiva que o Centro Desportivo Italiano leva em frente a sua missão, isto é, oferecer aos jovens, mediante o desporto, um estilo de vida sadio e positivo, que tenha como base a visão cristã da pessoa e da sociedade. Com efeito, o desporto é uma grande escola, contanto que seja vivido, controlando a si mesmo e respeitando o outro, com um compromisso a melhorar que en-



sine a dedicação e a constância, e numa competição que não faça perder o sorriso mas treine também a aceitar as derrotas.

Uma grande lição do desporto – que nos ajuda a enfrentar até o cansaço diário do estudo e do trabalho assim como as relações com os outros – é que só nos podemos divertir num quadro de regras bem explícitas. De facto, se numa competição alguém se recusasse a respeitar a regra do fora de jogo, ou iniciasse antes do apito de início, ou num slalom saltasse alguma bandeirinha, já não seria competição, mas só atuações individuais e desordenadas. Ao contrário, quando enfrentais uma competição, aprendeis que as regras são essenciais para viver juntos; que não se encontra a felicidade na indisciplina, mas quando perseguimos com fidelidade os próprios objetivos; e aprendeis também que não nos sentimos mais livres quando não temos limites, mas quando, com os próprios limites, damos o máximo. Devemos ser donos dos nossos limites e não seus escravos.

Eis os horizontes que o mundo do desporto nos abre, e quantas são as consequências benéficas, para vós mesmos e para toda a sociedade, de uma prática desportiva vivida como ocasião de agregação, de crescimento e de fraternidade. Eis por que no vosso *Estatuto* se diz que o Centro Desportivo Italiano pretende testemunhar o valor do desporto como instrumento para promover o acolhimento, a saúde, o emprego, a igualdade de oportunidades, a salvaguarda do meio ambiente, a tutela da infância e da adolescência, a coesão e a integração social (cf. *Premissa*).

Poderiam perguntar-vos como podeis esperar que o desporto seja o instrumento para resolver muitos e tais problemas, e para realizar uma transformação tão profunda da nossa sociedade. Podemos responder que o desporto pode fazê-lo porque melhora as pessoas, e pode favorecer uma cultura do diálogo e do encontro respeitador. A luta com os adversários, nas competições desportivas, é sempre definida “encontro”, e nunca “conflito”, porque no final, embora seja melhor vencer, num certo sentido ambos vencem. Eis o mundo que sonhamos, e que com determinação queremos construir, com base numa competição sadia, que veja sempre no adversário um amigo e um irmão.

É este o núcleo da visão cristã do homem, que para vós é a base inclusive da atividade desportiva. Com esta atitude, com este coração tão

alargado, todas as atividades desportivas podem ser chamadas jogo, jogar. Jogam as crianças; o jogo é a atividade da alegria, sempre. Só a partir desta base poderemos alcançar ideais tão elevados e positivos. Talvez, vós jovens, perguntar-me-eis: “Padre, o que seria esta visão cristã da vida que nos propõe? É talvez um princípio abstrato, ou um conceito que se pode compreender depois de o ter estudado muito?”. Não! Isto não se estuda! A visão cristã significa aprender a olhar para os outros e para as coisas com os próprios olhos de Jesus: com os olhos de Deus, com os mesmos olhos com os quais Deus olha para mim; ver como Jesus via, ver como Deus vê. Significa ouvir as suas palavras para compreender os seus sentimentos e procurar imitar os seus gestos. Estai certos de que do Evangelho pode nascer um mundo melhor e mais justo, no qual a diversidade dos outros não é motivo de divisão, mas de crescimento e de ajuda recíproca.

Incentivo-vos a viver com este espírito nos oratórios e nas paróquias que frequentais, e a conservar a fé que vos é doada, que é o bem mais precioso para a vossa vida. Possais ser sempre gratos a quem vos educa e acompanha, aos treinadores, aos educadores, aos pais e às vossas famílias. Possais ser portadores de esperança a todos os ambientes nos quais viveis; e estar sempre próximos a quem entre vós é mais débil devido a uma deficiência, de modo que participe nas várias atividades juntamente com os outros e nunca se sintam excluído. Possais também acompanhar, com a vossa amizade e o apoio ativo, quantos entre vós se dedicam aos projetos de voluntariado desportivo internacional, que estais a realizar em diversos países e representam um sinal precioso para o nosso tempo. Isto é gratuidade. A vossa atividade deve ser inspirada na gratuidade: doar! E por isso é importante no desporto conservar a dimensão amadora. É muito importante, porque conserva a gratuidade, a gratuidade do ser, de se doar.

Faço votos por que vivais sempre com alegria a vossa existência associativa e que vos torneis também vós missionários nos ambientes que frequentais, transmitindo a alegria de vos melhorar diariamente, estendendo sempre a vossa mão amiga a quantos vos circundam. O Senhor abençoe o vosso caminho e também o meu. Rezaí por mim e eu rezo por vós. Obrigado!

Promover a fraternidade

Gratidão do Santo Padre à Papal Foundation

A «promoção de um espírito de fraternidade e de paz» é um dos objetivos centrais da atividade da Papal Foundation, recordou o Pontífice recebendo em audiência os seus membros na manhã de 10 de maio, na Sala Clementina.

Eminência

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Sinto-me feliz por vos saudar, membros da *Papal Foundation*, durante a vossa peregrinação a Roma. Para mim é uma alegria estar de novo convosco e exprimir a minha gratidão pelo apoio generoso que ofereceis a mim e à Igreja em muitas partes do mundo. Durante este tempo santo da Páscoa, unamo-nos na celebração da vitória do Senhor sobre o pecado e a morte, dom de uma vida e de uma nova criação, e efusão do Espírito Santo. Possa a alegria da Ressurreição encher sempre os nossos corações e que a vossa visita orante junto dos túmulos dos Apóstolos e dos Mártires vos fortaleça na vossa fidelidade ao Senhor e à Igreja.

Nos anos passados desde a vossa fundação, contribuístes muito para a promoção de um espírito de fraternidade e de paz. Através do vosso apoio a vários projetos educativos, caritativos e apostólicos, assim como com as bolsas de estudo postas à disposição de fiéis leigos, pessoas consagradas e sacerdotes, testemunhais a solicitude incansável da Igreja para promover o desenvolvimento integral da família humana. Num mundo que está tristemente marcado pela violência e pelos conflitos, pela pobreza material e espiritual, e com demasiada frequência pela indiferença de muitos, a vossa obra ajuda a levar a mensa-



gem evangélica de esperança, de misericórdia a quantos beneficiam do vosso compromisso e da vossa generosidade. Portanto, agradeço-vos e rezo para que se renove em vós o propósito de contribuir para edificar a Igreja em unidade, fazendo progredir a sua caridade para com os últimos dos nossos irmãos e irmãs.

A missão da *Papal Foundation* está ligada de maneira solidária ao Sucessor de Pedro. Por conseguinte, peço-vos que continueis a rezar por mim, a rezar pelo meu ministério, pelas necessidades da Igreja, pela difusão do Evangelho e a conversão dos corações. Confio todos vós, juntamente com as vossas famílias, à amorosa intercessão de Maria, Mãe da Igreja, e concedo de coração a minha Bênção Apostólica em penhor de alegria e de paz em Cristo Ressuscitado, nosso Salvador.

O Pontífice convocou em Assis de 26 a 28 de março de 2020 os jovens economistas e empresários

Um pacto para dar uma alma à economia

É preciso dar vida a «um “pacto” para mudar a economia atual e atribuir uma alma à economia de amanhã». Foi por isso que o Papa Francisco convocou em Assis os jovens economistas e empresários, de 26 a 28 de março de 2020, para um evento intitulado: “Economy of Francesco”, que tem como finalidade «reunir-se com quantos estão a formar-se e começam a estudar e a pôr em prática uma economia diferente, que faz viver e não matar, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a devasta». Em seguida, a carta mediante a qual o Pontífice anuncia esta iniciativa.

Aos jovens economistas
empresários e empresárias
do mundo inteiro

Estimados amigos!

Escrevo-vos a fim de vos convidar para uma iniciativa que desejei muito: um evento que me permita encontrar-me com quantos estão a formar-se e começam a estudar e a pôr em prática uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a devasta. Um acontecimento que nos ajude a estar unidos, a conhecer-nos uns aos outros, e que nos leve a estabelecer um “pacto” para mudar a economia atual e atribuir uma alma à economia de amanhã.

Sim, é necessário “re-animar” a economia! E qual cidade é mais idónea para isto do que Assis, que desde há séculos é símbolo e mensagem de um humanismo da fraternidade? Se São João Paulo II a escolheu como ícone de uma cultura de paz, pa-

ra mim parece ser também um lugar inspirador de uma nova economia. Com efeito, ali Francisco despojou-se de toda a mundanidade para escolher Deus como Estrela polar da sua vida, fazendo-se pobre com os pobres, irmão universal. Da sua escolha de pobreza brotou também uma visão da economia que permanece extremamente atual. Ela pode dar esperança ao nosso amanhã, não apenas em benefício dos mais pobres, mas da humanidade inteira. Aliás, ela é necessária para o destino de todo o planeta, a nossa casa comum, «a nossa irmã Terra Mãe», como Francisco a chama no seu *Cântico do Irmão Sol*.

Na Carta Encíclica *Laudato si'* resaltei que hoje, mais do que nunca, tudo está intimamente ligado e a salvaguarda do meio ambiente não pode ser separada da justiça em relação aos pobres, nem da solução dos problemas estruturais da economia mundial. Por conseguinte, é preciso corrigir os modelos de crescimento incapazes de garantir o respeito pelo meio ambiente, o acolhimento da vida, o cuidado da família, e equidade social, a dignidade dos trabalhadores e os direitos das gerações vindouras. Infelizmente, ainda não foi ouvido o apelo a tomar consciência acerca da gravidade dos problemas e sobretudo a pôr em prática um modelo económico novo, fruto de uma cultura da comunhão, baseado na fraternidade e na equidade.

Francisco de Assis é o exemplo por excelência da atenção aos frágeis



e a uma ecologia integral. Vêm-me à mente as palavras que lhe foram dirigidas pelo Crucificado, na igreja de São Damiano: «Francisco, vai e repara a minha casa que, como vês, está em ruínas». Aquela casa a reparar diz respeito a todos nós. Refere-se à Igreja, à sociedade, ao coração de cada um de nós. Diz respeito cada vez mais também ao meio ambiente, que tem urgente necessidade de uma economia saudável e de um desenvolvimento sustentável que cure as suas feridas e lhe garanta um futuro digno.

Perante esta urgência, todos, absolutamente todos nós somos chamados a rever os nossos esquemas mentais e morais, para que estejam mais em conformidade com os mandamentos de Deus e com as exigências do bem comum. Mas pensei em convidar de modo especial a *vós jovens* porque, é o vosso desejo de um porvir bom e jubiloso, já sois a profecia de uma economia atenta à pessoa e ao meio ambiente.

Caríssimos jovens, bem sei que sois capazes de ouvir com o coração os brados cada vez mais angustiantes da terra e dos seus pobres em busca de ajuda e de *responsabilidade*, ou seja, de alguém que “responda” e não olhe para o outro lado. Se ouvirdes o vosso coração, sentir-vos-eis portadores de uma cultura corajosa e não tereis medo de arriscar, nem de vos comprometer na construção de uma sociedade renovada. Jesus Ressuscitado é a nossa força! Como eu vos disse no Panamá e escrevi na Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit*: «Por favor, não deixeis para outros o ser protagonista da mudança! Vós sois aqueles que detêm o futuro! Através de vós, entra o futuro no mundo. Também a vós, eu peço para serdes protagonistas desta mudança. [...]Peço-vos para serdes construtores do futuro, trabalhai por um mundo melhor» (n. 174).

As vossas universidades, as vossas empresas, as vossas organizações são canteiros de esperança para construir outras modalidades de entender a economia e o progresso, para combater a cultura do descarte, para dar voz a quantos não a têm, para propor novos estilos de vida. Enquanto o nosso sistema económico-social

ainda produzir uma só vítima, e enquanto houver uma só pessoa descartada, não poderá haver a festa da fraternidade universal.

É por isso que desejo encontrar-me convosco em Assis: para promover juntos, através de um “pacto” comum, um processo de mudança global que veja em comunhão de intenções não apenas quantos têm o dom da fé, mas todos os homens de boa vontade, para além das diferenças de credo e de nacionalidade, unidos por um ideal de fraternidade atento acima de tudo aos pobres e aos excluídos. Convido cada um de vós a ser protagonista deste pacto, assumindo um compromisso individual e coletivo para cultivarmos juntos o sinal de um novo humanismo que corresponda às expectativas do homem e ao desígnio de Deus.

O título deste evento – “*Economy of Francesco*” – refere-se claramente ao Santo de Assis e ao Evangelho que ele viveu em total coerência, inclusive nos planos económico e social. Ele oferece-nos um ideal e, de certa maneira, um programa. Para mim, que escolhi o seu nome, é contínua fonte de inspiração.

Juntamente convosco, e através de vós, apelairei a alguns dos melhores estudiosos e estudiosas da ciência da economia, assim como a empresários e empresárias que hoje já se encontram engajados a nível mundial, em prol de uma economia coerente com este cenário ideal. Estou confiante de que eles não de responder. E confio sobretudo em vós, jovens, que sois capazes de sonhar e estais prontos para construir, com a ajuda de Deus, um mundo mais justo e melhor.

O encontro está marcado para os dias 26-28 de março de 2020. Juntamente com o Bispo de Assis, cujo predecessor Guido, há oito séculos, recebeu na sua casa o jovem Francisco no gesto profético do seu despojamento, também eu espero receber-vos. Espero por vós e desde já saúdo-vos e abençoo-vos. E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim!

Vaticano, 1 de maio de 2019
Memória de São José Operário.

Francisco

Com a assembleia diocesana

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 5

lugares nos quais é produzida uma nova cultura: novas histórias, novos símbolos, novos paradigmas, novas linguagens, novas mensagens (cf. n. 73). É necessário compreendê-los; encontrá-los e compreendê-los. E tudo isto produz bem e mal. O mal está com frequência sob o olhar de todos: «cidadãos a meio, não cidadãos, restos urbanos» (*ibid.*, 74), porque há pessoas que não acedem às mesmas possibilidades de vida dos outros e que são descartadas; segregação, violência, corrupção, criminalidade, tráfico de droga e de seres humanos, abuso dos menores e abandono dos idosos. Geram-se assim tensões insuportáveis. Como recordastes, há em tantos bairros de Roma guerras entre pobres, discriminações, xenofobia e até racismo. Hoje encontrei no Vaticano quinhentos ciganos e ouvi coisas dolorosas. Xenofobia.

Estai atentos, pois o fenómeno cultural mundial, digamos, pelo menos europeu, dos populismos aumenta semeando medo. Mas na cidade há também muito bem, porque há lugares positivos, lugares fecundos: lá onde os cidadãos se encontram e dialogam de modo solidário e construtivo, eis que se cria «uma trama em que grupos de pessoas compartilham as mesmas formas de sonhar a vida e ilusões semelhantes, constituindo-se em novos sectores humanos, em territórios culturais, em cidades invisíveis» (*ibid.*).

O Senhor abençoe a nossa escuta da cidade. E depois, marcamos encontro para o Pentecostes. Será para nós o encontro com o rosto do Senhor na sarça ardente. Tiraremos as sandálias, velaremos o rosto e diremos a Deus o nosso “sim”. Seguimos-te enquanto desces ao meio do povo, para ouvir o brado dos pobres. Obrigado!

Igreja indígena na Amazônia

Ao diretor de «Civiltà Cattolica» o cardeal Cláudio Hummes falou acerca do Sínodo de outubro



Deflorestação no Amazonas

GIANLUCA BICCINI

É uma das maiores áreas de biodiversidade da Terra que contém um terço das reservas florestais primárias do mundo: por isso à Amazônia o Papa quer dedicar um Sínodo especial a fim de «encontrar novas vias para a evangelização daquela porção do povo de Deus, em particular as pessoas indígenas, com frequência esquecidas e sem a perspectiva de um futuro sereno, também por causa da crise da floresta amazônica, pulmão de fundamental importância para o nosso planeta». A assembleia está programada no Vaticano de 6 a 26 de outubro próximo, na qual participarão bispos escolhidos de várias partes do mundo, inclusive todos os da Pan-amazônia, cujo território é composto por regiões pertencentes a nove países: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela, Suriname, Guiana e Guiana francesa.

Faltando menos de cinco meses para o início dos trabalhos, o Pontífice nomeou relator-geral da assembleia o cardeal franciscano Cláudio Hummes, que numa longa entrevista concedida ao jesuíta Antonio Spadaro, diretor de «Civiltà Cattolica», reconstruiu todo o processo de gestão deste grande projeto eclesial que procura superar os confins e redefinir as linhas pastorais,

adaptando-as aos tempos atuais, antecipando métodos e objetivos.

Arcebispo de São Paulo de 1998 a 2006 e atualmente presidente da comissão para a Amazônia no âmbito da CNBB, o purpurado preside ainda à «Rede Eclesial Pan-Amazônica» (Repam), da qual é vice-presidente o cardeal peruano Pedro Barreto, da Companhia de Jesus: esta rede transnacional propõe a criação de uma colaboração harmoniosa entre as várias componentes da Igreja – circunscrições eclesiais, congregações religiosas, Cáritas, associações ou fundações católicas e grupos de leigos – tendo entre as suas finalidades principais a defesa da vida das comunidades amazônicas ameaçadas pela poluição, pela radical e rápida mudança do ecossistema do qual dependemos, e da falta de tutela dos direitos humanos fundamentais.

Segundo Hummes a reunião de outubro aprofunda as próprias raízes nas Conferências gerais do episcopado latino-americano, em particular naquela de Aparecida, a quinta, de maio de 2007. Pouco antes, a 31 de outubro de 2006, Bento XVI chamou-o de São Paulo para o Vaticano como prefeito da Congregação para o clero. O Papa Ratzinger «ofereceu um notável contributo desde o início» para os trabalhos de Aparecida «diante de um mundo que não era

o seu. Ele pertence a um mundo europeu, mas abriu-se ao diálogo juntamente conosco, com o povo, com o território, com a América Latina», explicou o entrevistado, recordando também a presença nos trabalhos do cardeal Bergoglio. «Naquele contexto – disse – falou-se da necessidade de criar um plano pastoral conjunto para a Amazônia e o Papa Francisco afirmou que foi ali que ele mesmo se sensibilizou ao desafio pela Amazônia. Antes, como arcebispo e cidadão de Buenos Aires, a Amazônia para ele era uma realidade muito distante. Como se fosse um mundo fantástico. Ele afirmou que foi devido à insistência dos bispos brasileiros em Aparecida sobre as questões da Amazônia que se despertou nele este interesse. De facto, afirmou que a partir daquele momento, começou a interessar-se por toda a realidade da Amazônia. E foi então que se falou da necessidade de um plano pastoral conjunto de toda a América Latina para a Amazônia. Era algo meio fora do comum, porque as Conferências episcopais são nacionais e, ao contrário, a Amazônia não é uma nação, mas uma região transnacional».

O primeiro fruto concreto foi o nascimento da Repam e, sucessivamente, prosseguiu Hummes, em 2015 o Papa Francisco «começou a dizer-me: "penso

em fazer uma reunião com todos os bispos da Amazônia". Disse-me: "reze-mos juntos por isso" e começou a falar com bispos, conferências episcopais dos países amazônicos, sobre o modo como realizar esta assembleia, e assim ia crescendo e amadurecendo nele a ideia do Sínodo, até que por fim o convocou» a 15 de outubro de 2017, sobre o tema «Amazônia: novos caminhos para a Igreja e uma ecologia integral». Depois a 8 de junho de 2018 foi publicado o documento preparatório e a 25 de fevereiro passado os cardeais Hummes e Barreto, juntamente com o secretário executivo da Repam, D. Maurício López, encontraram-se com o Papa para relatar o processo de preparação uma vez concluída a fase de consulta das Igrejas particulares da região. «Neste processo – observou Hummes – a nossa rede procurou deveras "ouvir", e não só "ver, julgar, agir". Para preparar um Sínodo é preciso escutar, não apenas organizar e fazer planos. As análises não são suficientes. O Sínodo não é uma abstração, uma ideia genérica. É necessário ouvir em primeiro lugar os povos da Amazônia. O seu clamor deve ser ouvido». E por sua vez o Papa recomendou «não deixemos que o Sínodo se dilua», sugerindo também um critério metodológico: «Temos uma grande necessidade de não temer a novidade, de não a impedir, nem fazer resistências» e «de evitar carregar o que é velho, como se fosse mais importante do que o novo. Velho e novo devem conjugar-se, a novidade deve fortalecer e encorajar o caminho», com «confiança no Espírito Santo, que nos faz prosseguir. O passado não está petrificado, deve fazer sempre parte da história, de uma tradição que se move rumo ao futuro».

Inclusive porque, observou o entrevistado, o passado está marcado pela herança colonial e pela atitude colonizadora, ao que Hummes respondeu: «esta foi uma das recriações mais significativas dos povos indígenas contra certas comunidades pentecostais protestantes que entraram, e ainda estão presentes no território». Enquanto, ao contrário, «a evangelização dos povos indígenas deve visar a suscitar uma Igreja indígena para as comunidades indígenas: na medida em que acolhem Jesus Cristo, eles devem poder exprimir a sua fé através da sua cultura, identidade, história e espiritualidade». Na consciência de que esta visão da Igreja indígena «está a gerar resistências e desentendimentos» sobretudo se olharmos para «aqueles projetos de colonização da Amazônia animados até hoje por um espírito de domínio e de roubo: ir explorar e depois ir embora com as malas cheias, deixando atrás de si a degradação e a pobreza do povo local, que se encontra empobrecido e com o próprio território devastado e contaminado». E com a sucessiva denúncia de que tais resistências são encontradas tanto na Igreja como nos governos e nas empresas, porque «os interesses económicos e o paradigma tecnocrático impedem qualquer tentativa de mudança e estão prontos para se impor com a força, violando os direitos fundamentais das populações do território e as normas para a sustentabilidade e a tu-

tela da Amazônia. Mas não nos devemos render. Será necessário que nos indignemos. Não de maneira violenta, mas certamente de modo decidido e profético. Não podemos cair no pensamento ingénuo segundo o qual todos estamos dispostos a dialogar: não é verdade! Há muitas pessoas que não estão disponíveis a fazê-lo. Primeiro devemos indignar-nos, profetizar», e só «depois devemos certamente negociar, tratar, estabelecer acordos, e assim talvez obtenhamos que a contraparte se disponha a dialogar». A propósito «a Igreja na Amazônia sabe bem que deve ser profética, não complacente, pois a situação é clamorosa e mostra uma constante e persistente violação dos direitos humanos, além de uma degradação da casa

comum. E, pior ainda, a maior parte destes crimes permanece impunemente. São sucessivos trechos da entrevista o cardeal mencionou a necessidade de conjugar interculturalização e interculturalidade, de passar de uma Igreja indígenista, «que considera os indígenas como objeto de pastoral mas não protagonistas da própria experiência de fé», para uma Igreja indígena, no modelo daquela encarnada pelo Conselho indígenista missionário (Cimi) brasileiro, e neste sentido «o Sínodo deve abrir o caminho» pois «não se realiza a Igreja indígena por decreto». Por fim, o colóquio versou sobre temáticas ambientais, com um aprofundamento a propósito da «realidade maravilhosamente nova que o Papa colocou diante de nós, ou seja, a ecologia integral».

Entrevista ao cardeal Turkson sobre a tutela da criação

Do global ao local

O maior desafio que se deve enfrentar quando se fala de tutela da criação e respeito pelo meio ambiente consiste em reconhecer que o global implica sempre também o respeito por aquilo que é local. Se isto se aplica à Amazônia, significa que esta região tem um grande valor para a humanidade: por isso, a família humana deve reconhecer que este tesouro é local, não obstante tenha uma importância mundial, disse o cardeal Peter Kodwo Appiah Turkson, prefeito do Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral, durante uma entrevista vídeo transmitida na manhã de 16 de maio, na pontifícia universidade Gregoriana, na abertura do congresso intitulado «Amazônia: desafios e perspectivas para a casa comum», promovido em preparação para o próximo Sínodo dos bispos.

Respondendo ao jesuíta Prem Xalxo, docente da faculdade de Teologia e coordenador do «joint diploma» em Ecologia integral, o purpurado convidou a meditar sobre aquilo que cada um pode fazer a fim de preservar o tesouro da humanidade, representado pela Amazônia. A seu ver, não se trata simplesmente de pedir aos Governos que respeitem e não toquem naquela área, mas é importante e obrigatório ajudar os próprios Governos a conservar este património da humanidade. Em seguida, o purpurado observou que se os Estados consideram a Amazônia unicamente como uma riqueza a ser saqueada, deveria ser responsabilidade comum não só impedir esta ação, mas ajudar a conservar íntegra esta imensa Região. Trata-se de um dever para todos, reiterou, e ninguém pode voltar atrás. Neste engajamento é importante não se limitar aos discursos. E é necessário ter o sentido da reciprocidade, pois se «o pulmão da humanidade» sustém a vida do mundo, com mais razão a humani-

dade deve colaborar para preservar este pulmão.

Outro elemento importante a ter em consideração, disse o cardeal, é a visão a longo prazo. É necessário ver a casa comum como um lugar onde se vive, se viveu e se há de viver. Não nos podemos limitar a considerar apenas um período específico. Com efeito, quando se fala de responsabilidade intergeracional, não se pode ter em consideração unicamente as necessidades do presente, mas pensar também nas do futuro. A gestão dos recursos deve olhar em frente, porque também a humanidade contemporânea é herdeira da sabedoria das gerações que a precederam.

No que se refere à preparação da assembleia sinodal para a Amazônia, o cardeal recordou que já houve encontros organizados pelo secretariado do Sínodo dos bispos. Nestes debates, afirmou, é importante salientar que embora o desafio tenha um caráter global, a solução exige intervenções locais. A sensibilidade é muito forte a respeito desta temática, porque já não há muito tempo para mudar a situação. Este sentido «apocalíptico» de uma crise mais ou menos iminente é sem dúvida muito forte, frisou o cardeal. Por isso, o interesse pela Amazônia chama muito a atenção a nível mundial para aquele que deve ser considerado o «pulmão da vida».

O purpurado ressaltou que existem também outras áreas que têm um interesse mundial para a humanidade. Uma delas é a bacia do Congo, onde a situação é semelhante. Mas inclusive no Oriente, países como a Indonésia e Malásia dispõem de florestas tropicais com características parecidas. Da mesma maneira, existem as geleiras nos dois polos, necessárias para manter o equilíbrio do meio ambiente para a vida humana. Por conseguinte, o próximo Sínodo representa um bem para o mundo inteiro.

A crise climática no centro de um pronunciamento do presidente da Repam

O futuro do planeta está em perigo

A Amazônia constitui «um ponto de equilíbrio ecológico e de sustentabilidade do planeta inteiro»; no entanto, ela nunca esteve «tão ameaçada como hoje», frisou o cardeal Cláudio Hummes na sua intervenção no congresso sobre «Amazônia: desafios e perspectivas para a casa comum», que teve lugar na pontifícia universidade Gregoriana a 16 de maio.

O arcebispo emérito de São Paulo, que preside à Rede eclesial pan-amazônica (Repam) e será relator-geral da assembleia sinodal de outubro, salientou que na Amazônia está presente a Igreja missionária que, segundo a *Laudato si'*, «em nome da sua fé no Deus criador e na encarnação do Filho de Deus, Jesus Cristo, deve assumir também o cuidado da "casa comum"». Trata-se, observou o purpurado, de uma Igreja missionária «heróica, pobre, incansável, que vive a opção preferencial pelos pobres, mas com grande dificuldade por causa das longas distâncias, da solidão na floresta infinita, da insuficiência de missionários e missionárias». Isto traduz-se em escassas possibilidades de conviver com as pessoas, de «estar próximo delas e de celebrar com a comunidade a Eucaristia, o sacramento da reconciliação e do sacramento da unção dos enfermos». Daqui derivam as dificuldades de «promover uma Igreja intercultural e intercultural com um rosto amazônico e indígena».

No contexto global da crise climática e ecológica, realçou o cardeal, a Amazônia ocupa «um lugar de importância fundamental». Trata-se de um «pulmão do nosso planeta». Com efeito, a sua «degradação», a sua «desflorestação» e a «reconstrução» que se encontra em curso põem «em perigo o porvir do planeta», como confirma o parecer de cientistas influentes. De resto, a sociedade humana global pro-

duziu grandes mudanças climáticas que «se manifestam em fenómenos de extremo calor ou frio, seca ou chuvas», mas também «inundações catastróficas, furacões e tempestades, longos períodos de estiagem, desertificações, verão extremamente quente e inverno gélido, degelo das geleiras, elevação do nível dos mares, além de outros».

Ao mesmo tempo, acrescentou o cardeal Cláudio Hummes, intensificam-se «o corte das florestas tropicais, a degradação de áreas geográficas cada vez maiores, a grave contaminação do ar e da água» por causa do uso universal «de combustíveis fósseis, da extração de petróleo, metais preciosos e outros», sem mencionar a prática de queimar a vegetação para a agricultura, as chamadas *queimadas*. O cardeal denunciou também «o agronegócio insustentável, com o desmatamento crescente e o uso indiscriminado e irresponsável de agrotóxicos», ao que se acrescentam «o mercado predatório de madeira e pesca».

Tudo isto gerou e continua a alimentar «uma grave crise ecológica e climática». É neste contexto, frisou o purpurado, que se insere a encíclica do Papa Francisco, *Laudato si'*, de maio de 2015. Alguns meses mais tarde teve lugar a COP21, sobre a crise climática global. Portanto, na opinião do cardeal, a situação é extremamente grave, a ponto de tornar ainda mais fortes «o grito da mãe terra e o clamor dos pobres» que, como afirma o Papa Francisco, «são um único grito».

As principais causas da crise – segundo a análise feita pelo próprio purpurado – são «o efeito estufa e o paradigma tecnocrático». Como se sabe, o primeiro deriva «da elevada concentração de gás na atmosfera», responsável pela formação de «uma capa ao redor do pla-

netas», que permite «a entrada do calor solar», mas «impede uma sua saída suficientes». É disto que deriva «o efeito estufa», com a consequência de que «o planeta aquece cada vez mais». A concentração de CO₂, explicou, provém acima de tudo «dos combustíveis fósseis, como petróleo, carvão mineral e gás natural, usados no mundo inteiro na produção de energia». Daqui surge a interrogação sobre o modo como substituir o uso destas fontes com outros, de energia limpa.

O segundo aspeto considerado pelo purpurado foi «a globalização do paradigma tecnocrático», com base no qual, no centro do sistema económico-financeiro mundial atual não está «o homem e o bem comum, mas o lucro a qualquer preço, tanto humano como ambiental». Este sistema «desenvolveu-se juntamente com o progresso da modernidade, ou seja, com a teoria moderna da subjetividade». Uma teoria que por si só foi «um verdadeiro valor, gerou por exemplo a doutrina dos direitos universais do homem, a descolonização de muitas regiões do chamado Terceiro Mundo, a auto-determinação dos povos, a democracia, a liberdade religiosa, a liberdade de expressão».

Mas, ao mesmo tempo, a teoria moderna da subjetividade deu origem à sua própria «deformação», degenerando em «subjetivismo e individualismo» que «marcam profundamente a cultura ocidental moderna e determinam as estruturas da economia mundial». Segundo esta visão, frisou o cardeal Cláudio Hummes, o ser humano é «o centro de tudo» e está «separado de tudo o que se encontra fora dele, ou seja, o objeto», ao contrário daquilo que «hoje propõe a ecologia integral, a qual demonstra que tudo está interligado».



Discurso entregue à União internacional das superiores-gerais

Fantasia da caridade e fidelidade ao carisma

As participantes na assembleia geral da União internacional das superiores-gerais (Uisg) foram recebidas em audiência pelo Papa Francisco a 10 de maio, na sala Paulo VI. O Pontífice entregou-lhes o texto do discurso preparado para a ocasião — que publicamos a seguir — e respondeu diretamente a algumas perguntas que lhe foram feitas pelas religiosas presentes. Diferentes e atuais foram as temáticas levantadas durante o diálogo. O Santo Padre falou, entre outros assuntos, sobre o grave problema dos abusos contra as religiosas e recordou que as irmãs devem trabalhar em espírito de serviço e não de servidão. Francisco abordou também a questão do diaconado feminino, recordando a necessidade de serem fiéis à Revelação, mas afirmando inclusive que a Igreja é mulher.

Prezadas religiosas!

Estou muito feliz de poder receber-vos hoje, por ocasião da vossa Assembleia geral, e de vos desejar um tempo pascal repleto de paz, alegria e paixão para levar o Evangelho a todos os recantos da terra. Sim, a Páscoa é tudo isto, e convida-nos a ser testemunhas do Ressuscitado, vivendo uma nova etapa evangelizadora, marcada pela alegria. Ninguém nos pode roubar a paixão pela evangelização! Não há Páscoa sem missão: “Ide e proclamai o Evangelho a todas as criaturas!” (cf. *Mc* 16, 15-20). À sua Igreja o Senhor pede que indique o triunfo de Cristo sobre a morte, pede que nos mostre a sua Vida! Irmãs, ide e anunciai Cristo Ressuscitado como a fonte do júbilo que nada e ninguém nos pode tirar. Renovai constantemente o vosso encontro com Jesus Cristo Ressuscitado e sereis suas testemunhas, levando a todos os homens e mulheres amados pelo Senhor, de maneira particular a quantos se sentem vítimas da cultura da exclusão, a dócil e confortadora alegria do Evangelho.

Como a seu tempo afirmou São João Paulo II, a vida consagrada como qualquer outra realidade da Igreja está a atravessar um período “delicado e árduo” (Exortação Apostólica *Vita consecrata*, 13). Perante a diminuição numérica que a vida consagrada experimenta, em particular a feminina, existe a tentação do desânimo, da resignação ou do “entrincheiramento”, no “sempre se fez assim”.

Neste contexto repito-vos com aquilo que vos disse noutras ocasiões: não tenhais medo de ser poucas, mas sim de ser insignificantes, de deixar de ser luz que ilumine quantos estão imersos na “noite escura” da história. Também não tenhais medo de “confessar com humildade e ao mesmo tempo com grande confiança em Deus Amor, a vossa fragilidade” (*Carta a todos os consagrados*, 21 de novembro de 2014, 1, 1). Aliás, tende medo: temei deixar de ser sal que dê sabor à vida dos homens e das mulheres da nossa sociedade. Trabalhai incansavelmente para ser sentinelas que anunciam a chegada da alvorada (cf. *Is* 21, 11-12); para ser fermento onde estiverdes e com quem vos encontrardes, embora isto, aparentemente, não vos traga vantagens tangíveis nem imediatas (cf. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 210).

Há muitas pessoas que precisam de vós e esperam por vós. Pessoas que têm necessidade do vosso sorriso amigo que lhes restitua esperança; do amparo das vossas mãos ao longo do seu caminho; da vossa palavra que semeie esperança nos seus corações; do vosso amor à maneira de Jesus (cf. *Jó* 13, 1-15), que cure as feridas mais profundas causadas pela solidão, pela rejeição e pela exclusão. Nunca cedais à tentação da autorreferencialidade, do transformar-se em “exércitos fechados”. Não vos refugieis nem sequer “numa obra, para eludir a capacidade operacional do carisma” (*A força da vocação*, 56). Pelo contrário, desenvolvi a fantasia da caridade e vivei a fidelidade criativa aos vossos carismas. Com elas sereis capazes de “voltar a propor a criatividade e a santidade dos fundadores” (Exortação Apostólica *Vita consecrata*, 37), abrindo novos caminhos para levar o encorajamento e a luz do Evangelho às diferentes culturas em que viveis e trabalhais, nos mais diversificados âmbitos da sociedade, como eles fizeram na sua época. Juntamente com eles, sereis capazes de *revisitar* os vossos carismas, de ir às raízes, vivendo convenientemente o presente, sem ter medo de caminhar, “sem permitir que a água deixe de fluir [...]”. A vida consagrada é como a água: quando é estagnante, apodrece” (*A força da vocação*, 44-45). Deste modo, sem perder a memória, sempre necessária para viver o presente com paixão, evitaremos tanto o “restauracionismo” como a ideologia, seja ela de que tipo for, que fazem muito mal à vida consagrada e à própria Igreja.

E tudo isto com a vossa presença e o vosso serviço humilde e discreto, animado sempre pela oração gratuita e pela prece de adoração e de louvor. Rezar, louvar e adorar não significa perder tempo! Quanto mais estivermos unidos ao Senhor, tanto mais estaremos próximos da humanidade, de maneira particular da humanidade que sofre. “O nosso futuro será repleto de esperança”, como afirma o lema desta Plenária, e os nossos programas serão projetos de porvir, na medida em que nos detivermos todos os dias diante do Senhor, na gratuidade da oração, se não quisermos que o vinho se transforme em vinagre e o sal se torne insípido. Só será possível conhecer os projetos que o Senhor realizou para nós, se mantivermos os nossos olhos e o nosso coração orientados para o Senhor, contemplando a sua Face e ouvindo a sua Palavra (cf. *Sl* 33). Somente assim sereis capazes de des-



pertar o mundo com a vossa profecia, característica distintiva e prioridade do vosso ser religiosas e consagradas (cf. *Carta a todos os consagrados*, 21 de novembro de 2014, 11, 2). Quanto mais urgente é *descenrar-se* para ir às periferias existenciais, tanto mais urgente é *centrar-se* n'Ele e *concentrar-se* nos valores essenciais dos nossos carismas.

Entre os valores essenciais da vida religiosa há a vida fraterna em comunidade. Constatamos com imensa alegria os grandes resultados alcançados nesta dimensão: comunicação mais intensa, correção fraterna, busca da sinodalidade na orientação da comunidade, acolhimento fraterno no respeito pela diversidade... mas, ao mesmo tempo, preocupa-me o facto de que haja irmãs e irmãos que levam a própria vida à margem da fraternidade; irmãs e irmãos que, há anos, estão ilegítimamente ausentes da comunidade e por isso acabei de promulgar um Motu Proprio, *Communis vita*, com normas bem definidas para evitar tais casos.

Quanto à vida fraterna em comunidade, preocupa-me também que haja Institutos nos quais a multiculturalidade e a internacionalização não são vistas como uma riqueza, mas como uma ameaça; e são vividas como conflito, e não como novas possibilidades que mostram o verdadeiro rosto da Igreja e da vida religiosa e consagrada. Peço aos responsáveis dos Institutos que se abram à novidade, própria do Espírito que sopra onde e como quer (cf. *Jó* 3, 8), e que preparem as gerações de outras culturas para assumir responsabilidades. Irmãs, vivei a internacionalização dos vossos Institutos como uma boa nova. Vivei a mudança de rosto das vossas comunidades com alegria, e não como um mal necessário para a conservação. A inter-nacionalidade e interculturalidade não voltam atrás.

Estou preocupado com os conflitos geracionais, quando os jovens não são capazes de promover os sonhos dos anciãos, a fim de os fazer frutificar, nem os anciãos sabem acolher a profecia dos jovens (cf. *Jl* 3, 1). Como gosto de repetir: os jovens correm muito, mas os idosos conhecem o caminho! Numa comunidade são necessárias tanto a sabedoria dos

anciãos como a inspiração e o vigor dos jovens.

Amadas religiosas, através de vós agradeço a todas as irmãs dos vossos Institutos, o grande trabalho que leveis a cabo nas várias periferias em que vivem. A periferia da educação, onde educar significa vencer sempre, conquistar para Deus; a periferia da saúde, onde sois servidoras e mensageiras da vida, e de uma vida digna; e a periferia do trabalho pastoral nas suas manifestações mais diversificadas onde, dando testemunho do Evangelho com a vossa vida, mostrais o rosto materno da Igreja. Obrigado por aquilo que sois e pelo que realizais na Igreja. Nunca deixeis de ser mulheres! “Não é necessário deixar de ser mulher para se uniformizar” (*A força da vocação*, 111).

Ao mesmo tempo, peço-vos: cultivai a paixão por Cristo e a paixão pela humanidade. Sem paixão por Cristo e pela humanidade não há futuro para a vida religiosa e consagrada. A paixão levar-vos-á à profecia, a ser fogo que faz arder outras chamas. Continuai a dar passos na missão compartilhada entre diferentes carismas e com os leigos, convidando-os a participar em obras importantes, sem permitir que ninguém fique desprovido da necessária formação e do sentido de pertença à família carismática. Promovei os relacionamentos recíprocos com os Pastores, incluindo-os no vosso discernimento e integrando-os na seleção de presenças e ministérios. O caminho da vida consagrada, tanto feminino como masculino, é a vereda da inserção eclesial. Fora da Igreja e em paralelo com a Igreja local, as coisas não funcionam. Prestai muita atenção à formação, tanto permanente como inicial, e à formação de formadores capazes de ouvir, acompanhar e discernir, indo ao encontro de quantos batem à nossa porta. E, não obstante as provações que talvez estejamos a atravessar, vivei com alegria a vossa consagração. Esta é a melhor propaganda vocacional!

A Virgem vos acompanhe e vos proteja com a sua intercessão materna. Da minha parte, abençoo-vos de coração e concedo a minha Bênção a todas as irmãs que o Senhor vos confiou. E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim!

Publicamos o texto do diálogo entre o Papa Francisco e as participantes na assembleia geral da União internacional das superiores-gerais.

Obrigado pela vossa presença. Preparei um discurso, mas ler discursos é maçador e então entrego-a à Presidente e ela vo-lo entregará. Gostaria de ter um diálogo convosco. Mas antes gostaria de comentar duas ou três pequenas coisas que a Presidente disse.

Sois pelos menos 850, de 80 países diversos – há muita variedade. Há trinta anos imaginei um encontro de Superiores-Generais, cada uma com o próprio hábito [riem]: todas iguais no escondimento. Hoje, cada uma veste o hábito que a congregação escolheu: o hábito secular, o tradicional, um mais moderno, um hábito nacional: a presidente... Penso que o prêmio será atribuído à Superiora das Irmãs de Jesus e Maria porque está muito elegante com o hábito indiano.

Muito obrigado. Obrigado pelo caminho de atualização que estais a percorrer. É arriscado. Sempre. É sempre arriscado crescer, contudo é mais arriscado assustar-se e não crescer. Porque agora não vês a crise, o perigo, mas no final sentir-te-ás pusilânime, pequena. Não uma criança: um infante, mas pior. Obrigado pelo vosso trabalho.

O problema dos abusos: não se resolve com as soluções da Igreja de um dia para o outro. Começou-se um processo. Ontem foi publicado outro documento e assim, lentamente, estamos a realizar um processo. Porque é uma situação da qual desde há 20 anos até agora não tínhamos consciência e estamos a tomar consciência, com muita vergonha, uma bendita vergonha!, pois a vergonha é uma graça de Deus. Sim, é um processo mas devemos ir em frente, avante num processo, passo a passo, para resolver este problema.

Algumas das organizações anti-abusos não ficaram satisfeitas com o Encontro de fevereiro [dos Presidentes das Conferências Episcopais]: “Não fizeram nada”. Eu entendo-as porque está em questão o sofrimento. E disse que se tivéssemos enforcado cem sacerdotes abusadores na praça de São Pedro todos teriam ficado contentes, mas o problema não se teria resolvido. Os problemas na vida resolvem-se com os processos, não ocupando espaços.

Depois, o abuso das religiosas é um problema sério, grave, estou cientista disto. Também aqui em Roma estão conscientes dos problemas, das informações que chegam. E não só o abuso sexual contra religiosas: também o abuso de poder e de consciência. Devemos lutar contra isto. E também o serviço das religiosas: por favor, serviço sim, escravidão não. Tu não te fizeste religiosa para seres a doméstica de um clérigo, não. Mas nisto, ajudemo-nos reciprocamente. Podemos dizer não, mas se a superiora disser sim... Não, todos juntos: escravidão não, serviço sim. Trabalhas nos dicastérios, neste, naquele, ou administrando uma nunciatura, um fenómeno, está bem assim. Mas doméstica, não. Se quiseres ser do-



Diálogo improvisado com as religiosas da Uisg

A Igreja é mulher e mãe

méstica, faz como as religiosas do padre Pernet, da Assomption, que são enfermeiras, as domésticas nas casas dos doentes: ali sim, porque é serviço. Mas escravidão, não. Ajudemo-nos nisto.

Agora, o diaconado feminino. Quando me sugeristes para constituir uma comissão – porque a ideia é vossa – eu disse sim, constituí a comissão, que trabalhou bem, eram todos peritos, homens e mulheres teólogos, e chegaram até a um certo ponto, todos de acordo. Depois, cada um tinha a própria ideia, assim... entrego à Presidente – entrego-o oficialmente hoje – o resultado do pouco ao qual chegamos todos de acordo. Tenho comigo a relatio de cada um, pessoal, um que vai mais adiante, outro que pára num certo ponto... E isto deve ser estudado, porque não posso fazer um decreto sacramental sem um fundamento teológico, histórico. Trabalhou-se o suficiente mas é pouco: o resultado não é tão bom. Contudo é um passo em frente. Certamente, havia uma forma de diaconado feminino no princípio, sobretudo na Síria, naquela região; eu disse [durante a conferência de imprensa] no avião [voe de retorno da Macedónia]: elas ajudavam no batismo, em caso de dissolução do matrimónio, etc... a forma de ordenação não era uma fórmula sacramental, era por assim dizer – foi a informação que me deram, pois eu não sou perito nisto – como é hoje a bênção abacial de uma abadessa, uma bênção especial para o diaconado às diaconisas. Iremos em frente porque daqui a pouco eu poderia chamar os membros da comissão, verificar a que ponto chegaram. Entrego oficialmente o relatório conjunto; conservo – mas se alguma de vós tiver interesse, posso conceder – a opinião pessoal de cada um. Eles realizaram um bom trabalho, e agradeço por isto.

Sobre a função na Igreja. Procuraí... Devemos completar a pergunta: qual é o trabalho da religiosa na Igreja, da mulher, e da mulher consagrada? E não erres pensando que seja só um trabalho funcional... Pode ser, sim, que o seja, um chefe de dicastério... Em Buenos Aires tive uma chanceler; há muitas mulheres chanceleres nos episcopados... Sim, poder, também funcionais; mas o importante é algo que vá além das fun-

ções, que ainda não amadureceu, que ainda não compreendemos bem. Digo “a Igreja é feminina”, “a Igreja é mulher”, e alguém replica: “Sim, mas esta é uma imagem”. Não, é a realidade. Na Bíblia, no Apocalipse chamam-na “a esposa”, é a esposa de Jesus, é uma mulher. Mas sobre esta teologia da mulher devemos persistir.

Gostaria de vos dizer isto. E agora temos 40 minutos para fazer as perguntas.

[Em alemão] Bruder Franziskus (irmão Francisco), sou franciscana como Vossa Santidade; estou aqui com as 850 superiores-gerais e representamos um grande número de religiosas que estão comprometidas em muitos ministérios da Igreja.

Langsam, bitte (Lentamente, por favor)

Falo por muitas mulheres que gostariam de servir o povo de Deus mas com os mesmos direitos, e esperamos hoje não só obter a resposta à questão do papel das mulheres na Igreja com base histórica e dogmática: certamente, temos necessidade também destas fontes da revelação, mas precisamos da força de Jesus, daquele modo com o qual Jesus tratou as mulheres. E quais respostas podemos encontrar hoje, no século XXI, para estas perguntas? Peço-lhe de coração que continue a refletir sobre isto, no âmbito da comissão, a fim de que não sejam consultadas apenas as fontes históricas e dogmáticas, mas procuremos compreender do que necessita a humanidade atual, as mulheres, os homens, todo o povo de Deus.

É verdade o que a irmã diz, que a Igreja não é só o Denzinger, isto é, a coleção de passos dogmáticos, de situações históricas. Isto é verdadeiro. Mas a Igreja desenvolve-se no caminho da fidelidade à Revelação. Não podemos mudar a Revelação. É verdade que a Revelação se desenvolve, a palavra é “desenvolver-se”. Progredes com o tempo. E nós com o tempo compreendemos melhor a fé. O modo de entender a fé hoje, depois do Vaticano II, é diferente da maneira de compreender a fé antes do Vaticano II, porquê?, porque há um progresso da consciência, e a irmã tem razão. Esta não é uma novidade, porque a própria natureza da Revelação é um movimento conti-

nuo para se esclarecer a si mesma, até a própria natureza da consciência moral. Por exemplo, hoje eu disse claramente que a pena de morte não é aceitável, é imoral, mas há cinquenta anos não se pensava assim. Mudou a Igreja? Não: desenvolveu-se a consciência moral. Um progresso. E os padres compreenderam isto. No século V viveu um sacerdote francês, Vincent di Lerins, que cunhou uma bonita expressão. Disse que a consciência da fé – digo-o em latim depois traduzo – «ut annis consolidetur, dilatetur tempore, sublimetur actate»: isto é cresce, cresce com os anos; está em crescimento contínuo, não muda, cresce, alarga-se com o tempo. Compreende-se melhor, e com os anos sublima-se... E se vejo que o que penso agora está em conexão com a Revelação, está bem, mas se é algo estranho, que não está concernido na Revelação, também no campo moral, que não está em conformidade com a moral, não está bem. Por isso, sobre o caso do diaconado, devemos procurar o que havia no início da Revelação, e se houver algo, fazê-lo crescer e que amadureça... Se não houver alguma coisa, se o Senhor não quis o ministério sacramental para as mulheres não se vai em frente. E por esta razão vamos à história, ao dogma. Depois, gostei demais do que a madre disse porque não foi só isto que ela afirmou, há outros dois aspetos: um é o diálogo com o mundo no qual vivemos. Um diálogo de experiências. Este diálogo com o mundo provoca situações novas, que exigem respostas novas, mas estas respostas devem estar em harmonia com a Revelação. Há o diálogo, inclusive o progresso da fé e da moral – como expliquei – mas sempre com o fundamento. Segundo: a harmonia com a Revelação no diálogo. Não tenhais medo de dialogar, é importante. E o terceiro: o testemunho. E sobre isto penso que o mais importante que a madre disse, que mencionou brevemente, foi a necessidade do testemunho. Portanto é verdade: não servem só os aspetos dogmáticos. Nós com o Denzinger não vamos a parte alguma na vida concreta. Sabemos como é a verdade, sabemos como é o dogma, mas o modo como o tratamos, como o fazemos crescer, é outra coi-

Diálogo improvisado com as superiores-gerais

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 11

sa. O *Denzinger* ajuda-nos porque contém toda a dogmática, mas devemos crescer continuamente. Fiz referência ao vosso hábito, de agora: “Mudastes o hábito, arruinastes a vida consagrada!”. Nada: no diálogo com o mundo, cada congregação viu como era melhor expressar o próprio carisma, exprimir-se. E esta que não tem hábito, aquela que tem um hábito assim assim, essa e aquela que têm outro hábito não são piores nem melhores: cada congregação faz o seu discernimento. E com isto chego à palavra-chave: discernir. Precisamos de discernir. Não é tudo branco ou preto, nem sequer cinzento. Tudo está a caminho, mas percorrendo a via correta, a estrada da Revelação. Não podemos caminhar por outra estrada. Penso que, embora não tenha respondido a todos os aspetos que havia na pergunta da madre, funcionalmente esta é a resposta. É verdade: não nos ajudarão apenas as definições dogmáticas, os aspetos históricos, não só. Mas não podemos ir além da Revelação e da explicitação dogmática. Compreendestes isto? Somos católicos. Se alguém quiser fazer outra Igreja é livre, mas...

Chamo-me irmã Francesca, sou das Irmãs de Santa Ana. Antes de tudo gostaria de dizer-lhe um imenso obrigado porque Vossa Santidade, sempre que realizamos a plenária, reserva este espaço de encontro connosco. É um desejo impossível a realizar-se, que Vossa Santidade estivesse presente na plenária, porque lá tiveram origem todas as sementes de esperança, o sentido da vida religiosa feminina neste mundo, no mundo de hoje. Não é só conovedor, é estimulante, dá força, perceber quantas sementes, com os hábitos diferentes, com os vários carismas e missões, estamos presentes onde há fragilidade, fragilidades humanas, crianças violentadas, homens que deixaram a própria pátria e muitas vezes estando lá, em lugares de guerra, onde é difícil, e ouvir estes testemunhos inclusive de cuidado do planeta, a partir das pequenas coisas, dizia-se: “uma borboleta de cada vez”, uma pessoa de cada vez. Sim, talvez a vida religiosa feminina não tenha uma grande visibilidade no mundo de hoje mas há e são tantas pequenas sementes. Por fim, gostaria de dizer, mas pessoalmente, não temos necessidade de ocupar espaços clericais para que este serviço seja visível, porque já é, e continuará a ser e para isto seria bom que na plenária da Uisg estivessem presentes também alguns homens, como auditores, para ouvir a realidade viva, não só lê-la em papel, ouvi-la das vozes das religiosas, foi também o que partilhámos nas mesas. Esta é vida, é real, existe, é a semente que muitas vezes morre e nós, superiores-gerais, fazemos experiência de muitas mortes mas sabemos que este é o caminho para a vida e neste nosso serviço de madres é-nos dada a experiência da graça de testemunhar, de ser testemunhas oculares de tanta vida. Uma pergunta. Aqui todas somos madres: dê-nos alguma indicação concreta, das que só Vossa Santidade sabe dar, para sermos servas, não diaconisas, servas, mães, neste nosso mundo atual. Antes de tudo, servas das nossas irmãs porque as fragilidades estão também dentro, e antes de tudo

somos instrumentos, servas das servas de Jesus que são as nossas irmãs. Obrigada pela sua proximidade a cada uma de nós.

Obrigado. Seria importante que estivessem presentes observadores masculinos na próxima... É importante, para compreender estas nuances que num resumo nunca aparecem... Seria uma boa ideia. A irmã usou três palavras, três pilares: “fragilidade”, “mãe” e “serva”.

A maternidade da Igreja. Volto ao mesmo ponto: a Igreja é mulher, é mãe. Nós dizemos: creio na santa mãe Igreja. Falando sobre a fragilidade, o ponto de encontro com a fragilidade é o que nos faz entender o que aconteceu quando Deus enviou o seu Filho: Deus encontra a fragilidade maior. A fragilidade humana e assume a fragilidade maior, assume a nossa humanidade. Não tenhais medo das fragilidades, aliás, aproximai-vos da fragilidade humana. Aproximar-se da fragilidade humana não é um ato de beneficência social, mas é um ato teológico, é ir ao ponto de encontro entre Deus e uma mulher, encarnou-se... Hoje de manhã na Missa havia 25 religiosas do Cottolengo que celebravam o cinquentenário de vida consagrada, e, por vocação, elas viviam na fragilidade pois trabalham com deficientes, continuamente, alguns gravíssimos...



mos... Mas uma felicidade! Sentem-se mães. Esta criança, este jovem, não seria melhor se fosse cuidado por uma enfermeira do Estado? Não, uma religiosa, elas sentem a vocação pela fragilidade. E não só elas, muitas... Vós, superiores, quantas vezes deveis acarregar as fragilidades das irmãs! Carregar nos ombros as fragilidades das vossas comunidades; e, neste sofrimento, falar com uma irmã que deseja ir embora, falar com aquela outra que não está bem, compreendê-la, entrar no coração, ir em frente... O ministério com a fragilidade... Também nós as temos. Mas não devemos ter medo, porque é o espelho da encarnação do Senhor. E depois ser mães. Mães e servas. Podemos ser servos, sim, os homens podem ser servos, mas não mães. Pais sim, mas não mães. A maternidade da Igreja e a maternidade de Nossa Senhora têm um reflexo na mulher consagrada, um reflexo total. Também uma mãe de fa-

mília a reflete, mas a consagrada tem o reflexo total: quem vê uma religiosa vê a Igreja e Maria. Na fragilidade, porque é mãe na fragilidade, consagrada, sem ter um filho seu... Esta renúncia... Não quero falar demasiado...

[Intervenção da presidente da Uisg] Gostaria simplesmente de dizer que durante esta semana tivemos algumas pessoas que contaram o que fazem. Uma delas trabalha na República Centro-Africana, e citou esta pergunta que muitos lhe dirigem: “Também vós desejais partir [ir embora] daqui?”, pois estão em regiões muito atormentadas, de guerra. Penso que esta pergunta reflete a fragilidade da qual fazemos parte. Se nós não estivermos nas zonas frágeis, talvez nem sequer podemos ser verdadeiramente mães.

É verdade o que dizes. Aquela pergunta – “também vós quereis partir?” – significa o povo desesperado que não quer ficar sem mãe. Bonito, não?

Antes de tudo um grande obrigado, Santo Padre. Nestes dias tratamos diversos temas, um deles foi o diálogo inter-religioso: obrigada por tudo o que Vossa Santidade faz neste âmbito. Penso inclusive no diálogo ecuménico, e trago no coração o sofrimento que toquei com a mão, que vi em muitas

partes devido à divisão que existe entre os cristãos. Sei que Vossa Santidade já realizou muito neste setor. Pergunto: é possível dar algum passo a mais para alcançar esta comunhão entre os cristãos? Obrigada.

Obrigado. Penso que o ecumenismo se faz a caminho, sempre. É verdade que os teólogos devem estudar, debater... Mas há aquela anedota – que é verdade, disseram-me que é verdade – de quando São Paulo VI se encontrou com Atenágoras – gostaria de poder dizer Santo Atenágoras – o qual disse a Paulo VI: “Façamos assim: vamos juntos, e mandamos os teólogos para uma ilha a refletir e fazer teologia, e nós vamos em frente juntos”. Uma brincadeira mas dizem que aconteceu. Mas se não for verdade, é uma boa ideia. [O ecumenismo] faz-se sempre a caminho. Há pobres? Vamos juntos trabalhar com os pobres. Há migrantes? Juntos. Sempre unidos. Es-

te é o ecumenismo do pobre, como eu chamo aquilo que se faz a caminho com as obras de caridade. Contudo, há outro ecumenismo: o do sangue. Quando matam os cristãos pelo facto de serem cristãos, não perguntam: “És anglicano? És luterano? És católico? És ortodoxo?”. Matam. E o sangue mistura-se. Recordo certa vez um pároco de Sankt Josef em Wannsee, perto de Hamburgo, encarregado de prosseguir a causa de um sacerdote guilhotinado pelos nazistas por ter ensinado o catecismo às crianças. Depois, um pastor luterano foi guilhotinado pelo mesmo motivo. E ele foi ter com o bispo, dizendo: “Não posso continuar a causa sem a causa do luterano, porque o sangue deles se misturou”. É o ecumenismo do sangue. Temos muitos mártires comuns. Paulo VI, quando canonizou os mártires de Uganda, eram catequistas metade católicos e metade anglicanos, mais ou menos, e no discurso de canonização mencionou o martírio dos anglicanos. Já Paulo VI disse isto. Há o ecumenismo do sangue. Devemos fazer o possível juntos. Por exemplo, venho da bênção de uma exposição sobre o tráfico [“Talitha kum”, inaugurada antes desta audiência diante da Sala Paulo VI]: trabalhamos todos juntos, católicos, evangélicos, todos, pois é um problema social que devemos ajudar a resolver. Penso que isto é importante: o ecumenismo faz-se a caminho, não se faz só com a reflexão teológica. Isto ajudará porque fizemos bons progressos, por exemplo com os luteranos, sobre a justificação... bons progressos. Mas não podemos permanecer parados enquanto não se resolverem todos os pontos teológicos. Os teólogos têm uma grande função na Igreja: que estudem e nos ajudem; mas nós, entretanto, devemos caminhar. E depois o ecumenismo da oração. São três. O ecumenismo da oração, o ecumenismo do sangue, o ecumenismo do pobre. Rezar uns pelos outros, inclusive uns com os outros. Isto, no que diz respeito ao ecumenismo. No diálogo inter-religioso, procuremos os valores comuns que temos, e isto está bem. Por exemplo, entre os valores comuns, o respeito que os muçulmanos têm pela vida do recém-nascido ou pelos não nascidos é maravilhoso.

[Em português] Sou irmã Marlies, das Irmãs do Imaculado Coração de Maria do Brasil. Querido Papa Francisco, assim sentimos Vossa Santidade, estou muito emocionada por estar aqui e também a irmã Carmen disse que nunca teria imaginado poder sentar ao seu lado. Nem eu teria imaginado poder estar aqui para me dirigir a Vossa Santidade e fazer-lhe uma pergunta. Fui encorajada pelas minhas irmãs de hábito brasileiras a vir aqui. Gostaria de dizer que nos sentimos muito felizes e orgulhosas por ter um Papa latino-americano. Todas as latino-americanas presentes aqui sentem o mesmo. [Aplausos] Obrigada! Gostaria também de dizer que lhe agradecemos por todas as iniciativas, principalmente aquelas a favor dos pobres. Nós no Brasil e em vários países da América Latina estamos vivendo a situação de um povo muito sofrido e também em

CONTINUA NA PÁGINA 13

Chamados a promover a fraternidade humana

Mensagem aos muçulmanos para o Ramadão

Publicamos a mensagem – assinada pelo bispo secretário Miguel Angel Ayuso Guixot – enviada pelo Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso à comunidade muçulmana por ocasião do mês do Ramadão, iniciado este ano a 5 de maio, e para a festa de 'Id al-Fitr 1440 H. / 2019 A.D. A mensagem, intitulada «Cristãos e muçulmanos: promover a fraternidade humana universal», foi difundida em francês, inglês, árabe e italiano.

Queridos irmãos e irmãs muçulmanos!

O mês do Ramadão, dedicado ao jejum, à oração e à esmola, serve também para reforçar os vínculos espirituais que partilhamos na amizade entre cristãos e muçulmanos. Portanto, sinto-me feliz por aproveitar a ocasião para vos desejar uma celebração serena e fecunda do Ramadão.

As nossas religiões convidam-nos «a permanecer ancorados nos valores da paz; a apoiar os valores do conhecimento recíproco, da fraternidade humana e da convivência comum; a restabelecer a sabedoria, a justiça e a caridade» (cf. *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum*, Abu Dhabi, 4 de fevereiro de 2019).

Nós muçulmanos e cristãos somos chamados a abrimo-nos aos outros, conhecendo-os e reconhecendo-os como irmãos e irmãs. Deste modo, podemos abater os muros erguidos pelo medo e pela ignorância e procurar construir juntos pontes de amizade que são fundamentais para o bem de toda a humanidade. Assim, cultivamos nas nossas

famílias e nas nossas instituições políticas, civis e religiosas, um novo modo de viver no qual a violência é rejeitada e a pessoa humana é respeitada.

Por conseguinte, somos encorajados a continuar a levar em frente a cultura do diálogo como meio de cooperação e método para aumentar o

conhecimento recíproco. Neste contexto, recordo que o Papa Francisco, durante a sua visita ao Cairo, evidenciou três linhas-guia fundamentais para perseguir o diálogo e o conhecimento entre pessoas de diversas religiões: «o dever da identidade, a coragem da alteridade e a sinceridade das intenções» (*Discurso aos participantes na Conferência internacional pela paz*, Al-Azhar Conference Centre, 28 de abril de 2017).

Para respeitar a diversidade, o diálogo deve procurar promover o direito à vida de cada pessoa, à integridade física e às liberdades fundamentais, como a liberdade de consciência, de pensamento, de expressão e de religião. Isto inclui a liberdade de viver segundo as próprias convicções tanto na esfera particular como na pública. Deste modo, cristãos e muçulmanos – como irmãos e irmãs – podem trabalhar juntos pelo bem comum.

Desejo que o gesto e a mensagem de fraternidade encontrem um eco nos corações de quantos têm posições de autoridade nos setores da vida social e civil da inteira família humana, e possam levar todos nós a pôr em prática não simplesmente uma atitude de tolerância mas uma convivência verdadeira e pacífica.

Com cordiais saudações fraternas, renovada estima pela nossa amizade e em nome do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso, expri-mo votos sinceros por um mês frutuoso de Ramadão e um jubileoso 'Id al-Fitr.

Vaticano, 29 de março de 2019



A Igreja é mulher e mãe

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 12

tantas outras partes do mundo, e Vossa Santidade é uma presença muito significativa no mundo para esta porção da humanidade: pobres, refugiados, vítimas do tráfico. Para a sua iniciativa de contraste ao tráfico humano também nós demos o nosso contributo no Brasil através da "Rede um grito pela vida" e queremos aprofundar e incentivar ulteriormente mais irmãs a participar nesta luta contra o tráfico de seres humanos. Está para iniciar o Sínodo sobre a Amazônia e gostaríamos de lhe perguntar qual contributo a vida religiosa consagrada pode oferecer de modo particular ao Sínodo sobre a Amazônia. Esta é a minha pergunta.

Eu gostaria de lhe fazer uma pergunta: quem é mais importante, Pelé ou Maradona? [riem]. Na Amazônia é importante a presença da mulher para a sensibilidade dos povos indígenas e também a mulher é capaz – a religiosa, a consagrada – de entender melhor o problema tribal, porque não é um problema... Cada tribo, cada categoria indígena não é uma espécie de clube de futebol nem uma associação cultural. É vital, e só a mulher é capaz de compreender a vida. E a mulher consagrada, certamente, saberá procurar as estradas para lá chegar. Há problemas que algumas denominações religiosas têm com os indígenas, porque não entendem bem a sua estrada. Inclusive o problema da expressão litúrgica, a inculturação que uma congregação para o culto estuda tão bem: a sua inculturação litúrgica, que tem uma antiga tradição. Também na China o padre Ricci, na Índia o padre De Nobili: naqueles tempos já havia o problema da in-

culturação. Também há este problema. Penso que o vosso contributo ajudará muito a não errar na inculturação, e a acompanhar com o respeito, porque uma mulher consagrada é muito zelosa no respeito do modo como a vida cresce, do respeito em volta das irmãs de Santa Ana, da fragilidade. Uma mulher consagrada sabe mover-se com a fragilidade, de modo especial, de modo teológico.

Sou a Irmã Alice Drajea da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, fundada pelos missionários combonianos. Sou a superiora-geral das Irmãs com sede em Juba, Sudão do Sul. Em primeiro lugar, gostaria de lhe transmitir as saudações da população do Sudão do Sul: as pessoas querem que eu lhe diga quanto elas se sentem gratas pelos gestos que Vossa Santidade teve com os presidentes do Sudão do Sul [aplausos]. Todos ficamos honrados e agradecidos por aquele gesto, mas muitas pessoas que vivem nas zonas rurais não tinham os meios para ver nem ler este evento. Em segundo lugar, gostaríamos de lhe agradecer pelo novo bispo da diocese de Torit. Como Congregação local baseada no Sudão do Sul, a única que agora está em crescimento, temos diante de nós muitos desafios, mas o desafio que gostaria de apresentar à sua atenção numa pergunta é o desafio no âmbito da Igreja. Vossa Santidade falou de um processo, que é algo positivo. No momento temos pelo menos três dioceses sem bispo, e as outras duas têm bispos que alcançaram a idade da renúncia, inclusive o nosso arcebispo Paulino Lukudu Loro. Agora, com a situação que há no Sudão do Sul, penso que temos necessidade de uma Igreja forte, uma diocese forte com

pessoas que tenham uma guia. Porque, como diz o Evangelho, as ovelhas sem um pastor perdem-se. Portanto, a minha pergunta é: quanto pode funcionar e ir em frente uma diocese sem um bispo? Precisamos de um bispo. E a última pergunta: eu mesma e as pessoas do Sudão do Sul, pedimos-lhe que venha ao Sudão do Sul. Obrigada!

Muito obrigado. É verdade o que disse, faltam cinco bispos: dois já são idosos e as outras três dioceses estão vacantes. Tivemos dificuldade para nomear este último e dizem-me que estão a decorrer os processos de dois. Esperemos... Mas a irmã tem razão, e lá sofre-se muito porque alguns bispos, para visitar os católicos devem ir aos campos de refugiados porque a situação ainda não é clara. Esta é uma das coisas mais importantes: a nomeação dos bispos. Nem sempre se encontram candidatos adequados, deve-se esperar, mas pelo menos podemos dizer à irmã que rezaremos para que se encontrem bons bispos! Há também os defeitos humanos: é um bom sacerdote mas não pode ser bispo porque não possui esta dimensão, não desenvolveu aquela outra... Procurar um candidato não é fácil. Mas a irmã tem razão, acompanhemos isto com a oração. Estava prestes a ir ao Sudão do Sul, com o Arcebispo de Canterbury. Mas não foi possível. Prometemos que iremos juntos, o Arcebispo anglicano e eu. Talvez este ano – talvez, não é uma promessa! – quando for a Moçambique, Madagáscar, Maurício [em setembro], talvez seja o tempo de passar por lá. Quando digo "tempo" não é o tempo do relógio, mas o tempo maduro para lá ir. Quero ir. Tenho o Sudão do Sul

no meu coração. Mas gostaria de dizer algo muito positivo do Sudão do Sul. Quando havia esta situação da qual não se sabia como sair, chegou aos dirigentes políticos a proposta de fazer um retiro espiritual aqui no Vaticano, dois dias, e fizeram-no. Almoçavam na sala comum na qual almoço também eu, e via-os ali à mesa como noviços: calados, comiam. Eles que faziam a guerra! Calados porque pensavam na meditação que tinha feio o católico, o episcopaliano, o anglicano... mas para nos unirmos sempre. Nenhuma nação fez isto, só eles, são bons. E eu digo: Senhor, se tiveram esta coragem de dar um testemunho deste tipo, de vir fazer um retiro espiritual, concedei-lhes a possibilidade de ir em ferente! Lá, há o problema da pobreza e da fome. Gostaria de ir. E há um programa para poder realizar isto. Os bispos... são deveras [um ponto importante]... E também a vida religiosa: ajudai para que cresça bem, que sejam mulheres fortes, que levem em frente isto, pois será muito importante.

Gostei deste testemunho, daquele ângulo da geografia africana, que nos ajudará muito. E penso que ali alguém pode dizer: "É vós, quereis partir?" – "Não", como afirmou a Presidente.

Agora é hora. Gostaria de continuar... mas levo a sério – se estiver vivo, não sei – o convite para participar pelo menos numa parte da próxima assembleia. Penso que a motivação que a religiosa deu é verdadeira, se estiver vivo irei. Caso contrário, recordai isto ao sucessor! Que faça o mesmo! Muito obrigado, rezai por mim e convidai-vos a recitarmos juntos o *Regina Caeli*.

Faleceu o cardeal Sfeir

Por vinte e cinco anos patriarca de Antioquia dos maronitas

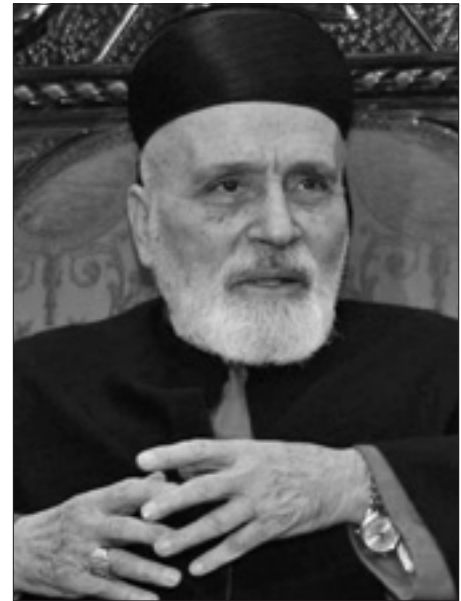
O cardeal Nasrallah Pierre Sfeir, patriarca emérito de Antioquia dos maronitas (Líbano), faleceu a 12 de maio. Nasceu em Reyfoun, na eparquia de Sarba dos Maronitas, no dia 15 de maio de 1920 e foi ordenado sacerdote em 7 de maio de 1950. Foi nomeado vigário patriarcal de Antioquia dos maronitas e simultaneamente eleito bispo titular de Tarso dos maronitas, a 19 de junho de 1961, nomeação confirmada pelo Papa João XXIII a 23 de junho sucessivo, tendo recebido a Ordenação episcopal a 16 de julho do mesmo ano. No dia 19 de abril de 1986 foi eleito patriarca de Antioquia dos maronitas e a 7 de maio seguinte João Paulo II concedeu-lhe a «ecclesiastica communio». Pelo mesmo Pontífice foi criado cardeal e publicado no Consistório de 26 de novembro de 1994. Renunciou ao governo pastoral do patriarcado a 26 de fevereiro de 2011.

Todo o país dos cedros chorou o cardeal Sfeir, falecido três dias antes de completar noventa e nove anos: o Conselho de ministros libanês decretou dois dias de luto nacional, 15 e 16 de maio, respetivamente dia do aniversário e do funeral, que teve lugar na igreja da Ressurreição, no patriarcado em Bkerké. Na circunstância os escritórios públicos – onde as bandeiras foram expostas a

meia haste – as lojas e as escolas católicas permaneceram fechadas. «A Igreja maronita ficou órfã e o Líbano está em luto», disse o cardeal Béchara Boutros Raï, seu sucessor na sede do patriarcado maronita, onde muitas personalidades políticas e religiosas prestaram homenagem ao purpurado, que durante cinquenta anos governou a Igreja católica do Líbano – vinte e cinco anos como vigário patriarcal e vinte e cinco como patriarca – tendo vivido também a trágica experiência da guerra civil que, de 1975 a 1990, provocou mais de 150.000 mortos no país.

Cuidou da própria formação desde muito jovem, realizando os estudos primários e complementares na escola Mar-Abda Harharaya, de 1933 a 1936, e os secundários no seminário de Saint Maron, em Gahzir de 1937 a 1939 e sucessivamente no seminário maior da universidade São José em Beirute, de 1940 a 1943. Depois, realizou os estudos filosóficos e teológicos na faculdade de teologia da mesma universidade de 1944 a 1950, ano em que foi ordenado sacerdote.

Nos seis primeiros anos de ministério desempenhou os cargos de pároco na paróquia de Reyfoun e de secretário da diocese de Damasco. Depois, foi nomeado secretário do patriarcado maronita, desempenhando esta função de 1956 a 1961. Ensinou literatura e filosofia árabe e tradução no colégio dos Irmãos maristas em Jounieh, de 1951 a 1961.



Após a nomeação como vigário patriarcal – cargo que desempenhou por vinte e cinco anos – e a ordenação episcopal, participou no concílio Vaticano II. Em 1977 foi nomeado representante do presidente da Assembleia dos patriarcas e dos bispos católicos do país para a Cáritas do Líbano e em 1980, conselheiro da Comissão para a revisão do Direito canónico. No mesmo ano tornou-se também conselheiro espiritual da Ordem de Malta.

Ao ser eleito patriarca a 19 de abril de 1986, no dia 7 de maio seguinte obteve a «ecclesiastica communio» concedida pelo Papa João Paulo II. Como presidente da assembleia dos patriarcas e dos bispos católicos no Líbano e também do Conselho dos patriarcas católicos do Oriente (Cpco), participou em três assembleias gerais do Sínodo dos bispos entre 1986 e 1994, e foi presidente delegado na Assembleia especial para o Líbano (26 de novembro – 14 de dezembro de 1995) e presidente delegado *ad honorem* na Assembleia especial para o Médio Oriente (outubro de 2010).

Entre as suas obras recordamos: *Des Sources de l'Évangile*, 1975; *Des visages qui ne sont plus*, vol. I, 1983; vol. II, 1984; Homilias dominicais, em quatro volumes (traduzidas em diversas línguas).

No dia 26 de fevereiro de 2011 renunciou ao governo pastoral do patriarcado, retirando-se em oração e meditação.

Pesar do Santo Padre

Homem «livre e corajoso», pastor «sábio e engajado», artesão «de paz e de reconciliação», assim o Papa recordou o cardeal Nasrallah Pierre Sfeir, patriarca emérito de Antioquia dos Maronitas, no seguinte telegrama enviado a sua Beatitude o cardeal Béchara Boutros Raï, que em 2011 sucedeu ao cardeal Sfeir no governo pastoral do patriarcado libanês.

Ao tomar conhecimento com tristeza da morte, no seu 99º ano, de Sua Beatitude o Cardeal Nasrallah Pierre Sfeir, Patriarca Emérito de Antioquia dos Maronitas, apresento as minhas mais sentidas condolências a Vossa Eminência, à família e a todos os fiéis da Igreja Patriarcal de Antioquia dos Maronitas que ele governou por muitos anos com docilidade e determinação. Homem livre e corajoso, o Cardeal Sfeir desempenhou a sua missão num contexto difícil e foi um artesão determinante de agregação, paz e reconciliação. Fervoroso defensor da soberania e da independência do seu país, permanecerá uma grande figura da história do Líbano. Peço ao Pai de toda a misericórdia que acolha na sua morada de paz e de luz este Pastor sábio e engajado que soube manifestar o amor de Deus ao povo que lhe tinha sido confiado. Como penhor de conforto, concedo a Vossa Eminência, Beatitude, a Bênção apostólica, que estendo à família do saudoso Cardeal e aos seus parentes, a todas as pessoas que o acompanharam nos seus últimos anos e as que participarem na celebração das exéquias.

FRANCISCO

Congregação para as causas dos santos

Promulgação de decretos

A 13 de maio, o Papa Francisco recebeu em audiência o cardeal Angelo Becciu, prefeito da Congregação para as causas dos santos. Durante o encontro, o Pontífice autorizou a mesma Congregação a promulgar os seguintes decretos relativos:

– ao milagre, atribuído à intercessão da beata Josefina Vannini (no século: Giuditta Adelaide Agata), fundadora das Filhas de São Camillo; nascida em Roma (Itália), no dia 7 de julho de 1859 e ali falecida a 23 de fevereiro de 1911;

– ao milagre, atribuído à intercessão da beata Dulce Lopes Pontes (no século: Maria Rita), da congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de

Deus; nascida em São Salvador da Bahia (Brasil), a 26 de maio de 1914 e ali falecida no dia 22 de maio de 1992;

– ao milagre, atribuído à intercessão da venerável serva de Deus Lúcia da Imaculada (no século: Maria Ripamonti), religiosa professa do Instituto das Servas da Caridade; nascida em Acquate (Itália), a 26 de maio de 1909 e falecida em Brécia (Itália), no dia 4 de julho de 1954;

– às virtudes heroicas do servo de Deus João Batista Pinardi, bispo titular de Eudoxias e auxiliar de Turim; nascido em Castagnole Piemon-

te (Itália), no dia 15 de agosto de 1880 e falecido em Turim (Itália), a 2 de agosto de 1962;

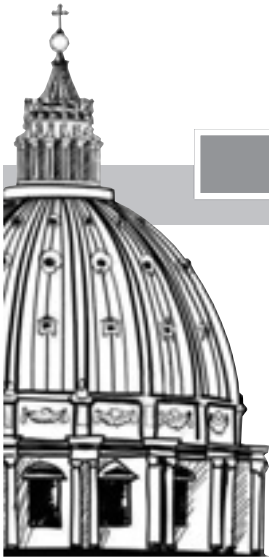
– às virtudes heroicas do servo de Deus Carlos Salerio, sacerdote do Instituto das Missões Estrangeiras de Paris, fundador do Instituto das Irmãs da Reparação; nascido em Milão (Itália), a 22 de março de 1827 e ali falecido no dia 29 de setembro de 1870;

– às virtudes heroicas do servo de Deus Domingos Lázaro Castro, sacerdote professo da Sociedade de Maria; nascido em San Adrian de Juarros (Espanha), no dia 10 de

maio de 1877 e falecido em Madrid (Espanha), a 22 de fevereiro de 1935;

– às virtudes heroicas do servo de Deus Salvador de Casca (no século: Hermínio Pinzetta), religioso professo da ordem dos Frades Menores Capuchinhos; nascido em Casca (Brasil), a 27 de julho de 1911 e falecido em Flores da Cunha (Brasil), no dia 31 de maio de 1972;

– às virtudes heroicas da serva de Deus Maria Eufrásia Iaconis (no século: Maria Giuseppina Amalia Sofia), fundadora da congregação das Filhas da Imaculada Conceição; nascida em Casino di Calabria, atualmente Castelsilano (Itália), a 18 de novembro de 1867 e falecida em Buenos Aires (Argentina), no dia 2 de agosto de 1916.



INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

A 11 de maio

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; D. Joseph Augustine Di Noia, Secretário Adjunto da Congregação para a Doutrina da Fé; D. Jorge Rubén Lugones, Bispo de Lomas de Zamora (Argentina).

O Professor Alexandre Roulin.

A 13 de maio

O Senhor Cardeal Angelo Becciu, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos.

A 15 de maio

D. Tymon Tytus Chmielecki, Nuncio Apostólico na Guiné e no Mali, com os familiares.

A 16 de maio

O Senhor Cardeal Gualtiero Bassetti, Arcebispo de Perugia – Città della Pieve (Itália), Presidente da Conferência Episcopal Italiana; e os seguintes Prelados da Conferência Episcopal Argentina, em visita «ad limina Apostolorum»: D. Marcelo Alejandro Cuenca Revuelta, Bispo de Alto Valle del Río Negro; D. Joaquín Gimeno Lahoz, Bispo de Comodoro Rivadavia, com o Auxiliar D. Roberto Álvarez; D. Jorge Ignacio García Cuerva, Bispo de Río Gallegos; D. Juan José Chaparro Stivanello, Bispo de San Carlos de Bariloche; D. Esteban María Laxague, Bispo de Viedma; D. José Slaby, Bispo Prelado de Esquel; D. Fernando María Bargalló, Bispo Emérito de Merlo-Moreno; D. Baldomero Carlos Martini, Bispo Emérito de San Justo; D. Carlos José Nánuez, Arcebispo de Córdoba, com os Auxiliares D. Pedro Javier Torres e D. Ricardo Orlando Scirutti; D. Hugo Ricardo Araya, Bispo de Cruz del Eje; D. Sergio Osvaldo Buenanueva, Bispo de San Francisco; D. Adolfo Armando Uriona, Bispo de Villa de la Concepción del Río Cuarto; D. Samuel Jofré Giraudou,

Bispo de Villa María, com o Bispo Emérito D. José Ángel Rovai; D. Gustavo Gabriel Zurbriggen, Bispo Prelado de Deán Funes; D. Marcelo Daniel Colombo, Arcebispo de Mendoza, com o Auxiliar D. Marcelo Fabián Mazzitelli e o Bispo Emérito D. José María Arancibia; D. Fernando Martín Croxatto, Bispo de Neuquén; D. Eduardo María Tausig, Bispo de San Rafael; D. Luis Urbané, Bispo de Catamarca; D. César Daniel Fernández, Bispo de Jujuy; D. Luis Antonio Scozzina, Bispo de Orán; D. José Demetrio Jiménez Sanchez-Mariscal, Bispo Prelado de Cafayate; D. Pedro María Olmedo Rivero, Bispo Prelado de Humahuaca, com o Bispo Prelado Coadjutor D. Florencio Félix Paredes Cruz; D. Jorge Eduardo Lozano, Arcebispo de San Juan de Cuyo, com o Arcebispo Emérito D. Alfonso Rogelio Delgado Evers; D. Dante Gustavo Braida, Bispo de La Rioja, com o Bispo Emérito D. Roberto Rodríguez; D. Pedro Daniel Martínez Perea, Bispo de San Luis; D. Carlos Alberto Sánchez, Arcebispo de Tucumán, com o Arcebispo Emérito Cardeal Luis Héctor Villalba; D. José Melitón Chávez, Bispo de Añatuya; D. Armando José María Rossi, Bispo de Concepción; D. Vicente Bokalic Iglie, Bispo de Santiago del Estero, com o Bispo Emérito D. Francisco Polti Santillán; e D. Ibrahim Salameh, Exarca Apostólico para os fiéis greco-melquitas residentes na Argentina.

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 11 de maio

De D. Amândio José Tomás, ao governo pastoral da Diocese de Vila Real (Portugal).

No dia 15 de maio

De D. Luciano Bergamin, C.R.L., ao governo pastoral da Diocese de Nova Iguaçu (Brasil).

De D. Franco Agostinelli, ao governo pastoral da Diocese de Prato (Itália).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 11 de maio

Bispo de Vila Real (Portugal), D. António Augusto de Oliveira Azevedo, até esta data Auxiliar do Porto.

Bispo de Tampico (México), D. José Armando Álvarez Cano, até agora Bispo Prelado de Huautla.

Bispo de Gómez Palacio (México), D. Jorge Estrada Solórzano, até hoje Auxiliar da Arquidiocese de México.

A 13 de maio

Bispo da Diocese de Bokungu-Ikela (República Democrática do Congo), o Rev.^{do} Pe. Toussaint Iluku Bolumbu, M.S.C., até agora Superior dos Missionários do Sagrado Coração para a Região africana francófona.

D. Toussaint Iluku Bolumbu, M.S.C., nasceu a 18 de novembro de 1964 em Monieka (República Democrática do Congo). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 23 de julho de 1995.

A 14 de maio

Bispo de Malolos (Filipinas), D. Dennis C. Villarajo, até esta data Auxiliar da Arquidiocese de Cebu.

A 15 de maio

Bispo da Diocese de Nova Iguaçu (Brasil), D. Gilson Andrade da Silva, até esta data Bispo Coadjutor da mesma Sede.

Bispo de Prato (Itália), o Rev.^{do} Pe. Giovanni Nerbini, do clero da Diocese de Fiesole, até agora Pároco e Vigário-Geral da mesma Diocese.

D. Giovanni Nerbini nasceu a 2 de junho de 1954 em Figline Valdarno (Itália). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 22 de abril de 1995.

Arcebispo Metropolitano de Campinas (Brasil), D. João Inácio Müller, O.E.M., transferindo-o da Sede episcopal de Lorena.

Bispo de Ipameri (Brasil), o Rev.^{do} Pe. José Francisco Rodrigues do Rêgo, do clero da Diocese de Uruaçu, até agora Vigário-Geral e Pároco da Catedral.

D. José Francisco Rodrigues do Rêgo nasceu a 24 de dezembro de 1966 em Barras, no Estado do Piauí; completou os estudos de filosofia na faculdade João Paulo II na arquidiocese do Rio de Janeiro e de teologia no seminário maior Nossa Senhora de Fátima em Brasília. Em seguida obteve o reconhecimento do título em filosofia na faculdade católica de Anápolis no Estado de Goiás e em teologia na Pontifícia universidade católica de Goiás. Foi ordenado sacerdote a 13 de dezembro de 1992 para o clero de Uruaçu, e sucessivamente desempenhou os seguintes cargos: pároco de Nossa Senhora da Abadia em Barro Alto (1993-1997); reitor do seminário menor São José (1998); pároco de Santa Teresinha do Menino Jesus em Santa Teresinha de Goiás (1999-2001) e de Nossa Senhora Aparecida em Minaçu; presidente da associação diocesana do clero São João Maria Vianney; membro do conselho dos presbíteros; e coordenador da pastoral presbiteral (2012-2016). Desde 2011 é membro do colégio dos Consultores.

Bispo de Las Cruces (EUA), D. Peter Baldacchino, até hoje Auxiliar de Miami.

Disposições especiais

Sua Santidade presidiu:

No dia 13 de maio

A uma Reunião interdicasterial, na Sala Bolonha.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 9 de maio

D. David Arias, ex-Auxiliar de Newark (EUA).

O venerando Prelado nasceu em Mataluenga (Espanha), a 22 de julho de 1929. Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 31 de maio de 1952. Foi ordenado Bispo em 7 de abril de 1983.

A 10 de maio

D. Domenico Padovano, Bispo Emérito de Conversano-Monopoli (Itália).

O saudoso Prelado nasceu em Mola di Bari (Itália), a 27 de setembro de 1940. Foi ordenado Sacerdote no dia 29 de junho de 1965. Recebeu a Ordenação episcopal em 24 de outubro de 1982.

D. Paul-Werner Scheele, Bispo Emérito de Würzburg (Alemanha).

O venerando Prelado nasceu no dia 6 de abril de 1928, em Olpe (Alemanha). Recebeu a Ordenação sacerdotal a 29 de março de 1952. Foi ordenado Bispo em 9 de março de 1975.

A 14 de maio

D. Urbano José Allgayer, Bispo Emérito de Passo Fundo (Brasil).

O venerando Prelado nasceu a 16 de março de 1924, em Santa Clara do Sul (Brasil). Foi ordenado Sacerdote no dia 10 de dezembro de 1950. Recebeu a Ordenação episcopal em 24 de março de 1974. Renunciou ao governo pastoral da Diocese a 19 de maio de 1999.

A 15 de maio

D. Gabriel Mmole, Bispo Emérito de Mtwara (Tanzânia).

O ilustre Prelado nasceu em 1939, em Nangoo (Tanzânia). Foi ordenado Sacerdote a 14 de outubro de 1971. Recebeu a Ordenação episcopal no dia 25 de maio de 1971.

D. Juan Antonio Menéndez Fernández, Bispo de Astorga (Espanha).

O saudoso Prelado nasceu no dia 6 de janeiro de 1957, em Villamarín de Salcedo (Espanha). Recebeu a Ordenação sacerdotal a 10 de maio de 1981. Foi ordenado Bispo em 8 de junho de 2013.

Início de Missão de Nuncios Apostólicos

D. Christophe Zakhia El-Kassis, no Paquistão (29 de março).

REGINA CAELI

Sobre o “discurso de despedida” de Jesus

O amor supera barreiras e cria pontes

O amor «abre-nos ao outro, sendo a base dos relacionamentos humanos» e torna-nos «capazes de superar as barreiras das nossas debilidades e preconceitos», frisou o Papa comentando o Evangelho dominical (Jo 13, 34), durante o Regina caeli recitado com os fiéis presentes na praça de São Pedro, ao meio-dia de 19 de maio.

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho de hoje leva-nos ao Cenáculo, para nos fazer ouvir algumas das palavras que Jesus dirigiu aos discípulos no “discurso de despedida”, antes da sua Paixão. Depois de ter lavado os pés aos Doze, Ele diz-lhes: «Dou-vos um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Assim como Eu vos amei, também vós deveis amar-vos uns aos outros» (Jo 13, 34). Mas em que sentido Jesus chama “novo” este mandamento? Porque sabemos que já no Antigo Testamento Deus tinha comandado aos membros do seu povo que amassem o próximo como a si mesmos (cf. Lv 19, 18). A quantos lhe perguntavam qual fosse o maior mandamento da Lei, o próprio Jesus respondia que o primeiro é amar a Deus com todo o coração e, o se-

guindo, amar o próximo como si mesmo (cf. Mt 22, 38-39).

Então, qual é a novidade deste mandamento que Jesus confia aos seus discípulos? Porque o chama “novo mandamento”? O antigo mandamento do amor tornou-se novo porque foi completado com este acréscimo: «Assim como Eu vos amei», «Amai-vos assim como Eu vos amei». A novidade está totalmente no amor de Jesus Cristo, aquele com o qual Ele deu a vida por nós. Trata-se do amor de Deus, universal, incondicional e ilimitado, que encontra o ápice na Cruz. Naquele momento de extremo abaixamento, naquele instante de abandono ao Pai, o Filho de Deus mostrou e ofereceu ao mundo a plenitude do amor. Voltando a pensar na Paixão e agonia de Cristo, os discípulos entenderam o significado daquelas suas palavras: «Assim como Eu vos amei, também vós deveis amar-vos uns aos outros».

Jesus amou-nos primeiro, amou-nos não obstante as nossas fragilidades, os nossos limites e as nossas debilidades humanas. Foi Ele que nos tornou dignos do seu amor que não conhece limites e nunca acaba. Concedendo-nos o novo mandamento, Ele pede-nos que



nos amemos uns aos outros não só e não tanto com o *nosso* amor, mas com o *seu*, que o Espírito Santo infunde nos nossos corações se o invocarmos com fé. Deste modo – e somente assim – podemos amarmos uns aos outros não só como nos amamos a nós próprios, mas *assim como Ele* nos amou, ou seja, imensamente mais. Com efeito, Deus ama-nos muito mais do que nós nos amamos a nós mesmos. E deste modo podemos difundir em toda a parte a semente do amor que renova os relacionamentos entre as pessoas e abre horizontes de esperança. Jesus abre sempre horizontes de esperança, o seu amor abre horizontes de esperança. Este amor torna-nos homens novos, irmãos e irmãs no Senhor, e faz de nós o novo Povo de Deus, ou seja, a Igreja, na qual todos são chamados a amar Cristo e, n'Ele, a amar-se uns aos outros.

O amor que se manifestou na Cruz de Cristo e que Ele nos chama a viver é a única força que transforma o nosso coração de pedra em coração de carne; a única força capaz de transformar o nosso coração é o amor de Jesus, se também nós amarmos com este amor. E este amor torna-nos capazes de amar os inimigos e de perdoar a quantos nos ofenderam. Far-vos-ei uma pergunta, cada um responda no seu coração. Sou capaz de amar os meus inimigos? Todos temos pessoas, não sei se inimigos, mas que não concordam conosco, que estão “do outro lado”; ou alguém tem pessoas que o feriram... Sou capaz de amar tais pessoas? Aquele homem, aquela mulher que me magoou, que me ofendeu? Sou capaz de o perdoar? Cada um responda no seu coração. O amor de Jesus faz-nos ver o próximo como membro atual ou futuro da comunidade dos amigos de Jesus; estimula-nos ao diálogo e ajuda-nos a ouvir-nos e a conhecer-nos reciprocamente. O amor abre-nos ao outro, tornan-

do-se a base dos relacionamentos humanos. Torna-nos capazes de superar as barreiras das nossas debilidades e dos nossos preconceitos. O amor de Jesus em nós cria pontes, ensina novos caminhos, ativa o dinamismo da fraternidade. Com a sua intercessão maternal, a Virgem Maria nos ajude a acolher do seu Filho Jesus o dom do seu mandamento e, do Espírito Santo, a força de o praticar na vida de todos os dias.

No final da antífona mariana, o Pontífice recordou a beatificação de Maria Guadalupe Ortiz de Landáuzuri, que teve lugar no sábado em Madrid, e saudou os fiéis presentes.

Estimados irmãos e irmãs!

Ontem, em Madrid, foi beatificada Maria Guadalupe Ortiz de Landáuzuri, fiel leiga do Opus Dei, que serviu com alegria os irmãos, unido ensino e anúncio do Evangelho. O seu testemunho é um exemplo para as mulheres cristãs engajadas no campo social e na pesquisa científica. Todos juntos, uma salva de palmas à nova Beata!

Dirijo a minha cordial saudação aos peregrinos da Itália e de vários países. Em especial aos provenientes do México, da Califórnia, do Haiti; aos fiéis de Córdova (Espanha) e de Viseu (Portugal); e aos estudantes de Pamplona e de Lisboa.

Saúdo as Cónegas da Cruz, no centenário de fundação; os responsáveis da Comunidade de Santo Egídio, provenientes de vários países; os peregrinos polacos, em especial os escoteiros, acompanhados pelo Ordinário Militar, vindos no 75º aniversário da batalha de Montecassino.

A todos desejo bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!

Francisco inaugurou a exposição da rede “Talitha Kum”



Na manhã de 10 de maio, o Papa inaugurou e visitou a exposição fotográfica «Nuns Healing Hearts», preparada no átrio da sala Paulo VI por «Talitha Kum», a rede mundial da vida consagrada comprometida contra o flagelo do tráfico